

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

HELENA CAROLINA MARTINS PIRES

**"A SALA DE AULA É SEMPRE A MESMA POR MAIS QUE TU BOTES UM
CARTAZ DIFERENTE TODOS OS DIAS": ESPAÇOS PARA ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO MUNICÍPIO DE
PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2021

Helena Carolina Martins Pires

**"A SALA DE AULA É SEMPRE A MESMA POR MAIS QUE TU BOTES UM
CARTAZ DIFERENTE TODOS OS DIAS": ESPAÇOS PARA ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO MUNICÍPIO DE
PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
Profa. Dra. Patrícia Camini

Porto Alegre

2021

Helena Carolina Martins Pires

**"A SALA DE AULA É SEMPRE A MESMA POR MAIS QUE TU BOTES UM
CARTAZ DIFERENTE TODOS OS DIAS": ESPAÇOS PARA ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO MUNICÍPIO DE
PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: Porto Alegre, 24 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Patrícia Camini (FACED/UFRGS) - Orientadora

Profa. Dra. Simone dos Santos Albuquerque - FACED/UFRGS

Profa. Ma. Vanessa Rosa da Costa - Colégio Marista Champagnat

Dedico esse trabalho à minha família, que com carinho e dedicação acreditaram em mim e estiveram presentes para que tudo isso fosse possível.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Luiza, ao meu pai Marcus Aurélio e à minha irmã Giorgia Karina, que estiveram comigo durante todo esse processo, me apoiaram com orgulho na minha escolha e têm sido meu porto seguro.

Às minhas queridas avós Antonietta (*in memoriam*) e Angélica, que me acompanharam com muito amor desde minha infância.

Aos meus queridos dindos Maria de Fátima e Antônio Lemos, que estiveram sempre presentes na minha vida.

À minha orientadora Patrícia Camini, que é grande inspiração e me conduziu durante esse caminho.

Às minhas amadas amigas, em especial Daniela Würth, Giovana Mossi e Stéphanie dos Santos, que estiveram presentes durante esse processo e me apoiaram a ser minha melhor versão.

Às minhas colegas de turma e amigas Bruna Carvalho, Bruna Ruppenthal, Carolina Ferraz, Esther Cunha, Rita Marino e Sabrina Gitz, que tornaram minha trajetória ao longo da graduação mais doce e prazerosa.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação ao longo dos meus 24 anos, em especial à professora Simone Santos de Albuquerque, que foi minha orientadora na bolsa de pesquisa e me conduziu brilhantemente durante esse tempo.

RESUMO

A pesquisa objetivou mapear e analisar espaços de sala de aula e outros espaços educacionais internos, destinados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em escolas da rede privada do município de Porto Alegre. Buscou-se por regularidades e raridades entre os itens e configurações dos espaços. A partir de busca em sites de 32 escolas, a pesquisa escolheu 07 que apresentavam fotos de salas de aula de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, entre essas escolas, 05 foram escolhidas para análise dos seus outros espaços educacionais internos. Além das fotos, o material empírico é composto por transcrição de entrevista semiestruturada, realizada online, com professora atuante em uma das escolas que a pesquisa identificou apresentar espaços educacionais internos mais flexíveis. A análise desse material empírico foi realizada por meio da análise temática de conteúdo. O referencial teórico conta com contribuições de autores como Vickery, Baeta, Pedro, Oblinger e Forneiro. Como resultados, a pesquisa apontou: 1) a maioria dos espaços de sala de aula ainda se apresenta de forma configurada para metodologias mais transmissivas do que colaborativas; 2) os espaços compartilhados entre as diferentes turmas da escola, como laboratórios e bibliotecas, são mais abertos a novas configurações espaciais para promover o corpo em movimento, a exploração do espaço e a dialogicidade; 3) a professora entrevistada relaciona os outros espaços educacionais da escola em que atua, identificados como mais abertos à flexibilidade de reconfiguração, à produção de fatos novos, que rompem com as ações de rotina da sala de aula. A partir do presente estudo, foi possível concluir que grande parte da inovação apresentada pelas escolas se encontra nos espaços disponibilizados para que as crianças utilizem de forma esporádica, ou seja, salas com espaços mais amplos e que permitem maior deslocamento, além de materiais interessantes e que facilitam o aprendizado aparecerem em salas específicas e laboratórios. Esses resultados sugerem pensar: de que outras formas poderiam ser organizados os espaços das salas de aula de Anos Iniciais do Ensino Fundamental? A pesquisa sugere, por fim, o estudo do formato de organização das salas de aula em zonas de trabalho colaborativas, indicado pela pesquisadora portuguesa Neuza Pedro.

Palavras-chave: Sala de aula. Organização do espaço. Espaços de aprendizagem flexíveis. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

PIRES, Helena Carolina Martins. **"A sala de aula é sempre a mesma por mais que tu botes um cartaz diferente todos os dias": espaços para Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas da rede privada no município de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2021. 82 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	13
2.1 MATERIAL EMPÍRICO: FOTOGRAFIAS E ENTREVISTA	13
2.2 ANÁLISE TEMÁTICA DE CONTEÚDO	16
2.3 LIMITES DA METODOLOGIA	18
3 A SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUMAS DISCUSSÕES	20
3.1 SALAS DE AULA E ENSINO SIMULTÂNEO	21
3.2 "SALA DE AULA DO FUTURO": DISCUSSÕES RECENTES	25
4 A SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISES	29
4.1 SALAS DE AULA DE ANOS INICIAIS: INDÍCIOS DO MAPEAMENTO ..	29
4.2 ESPAÇOS MAIS FLEXÍVEIS NAS ESCOLAS: INDÍCIOS DO MAPEAMENTO	46
4.3 ALÉM DA SALA DE AULA: ENTREVISTA COM PROFESSORA	60
4.3.1 Outros espaços são dinâmicos, salas de aula são sempre as mesmas	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A - Termo de Concordância para a escola	77
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para professora	79
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada	81
APÊNDICE D - Lista completa 32 Escolas	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Porto Alegre e as escolas privadas	14
Figura 2 - Sala de aula de Anos Iniciais no século XIX	22
Figura 3 - Sala de aula de Anos Iniciais no ano 2021	23
Figura 4 - Planta de sala de aula	24
Figura 5 - Mesas da sala de aula do Colégio Marista Champagnat	32
Figura 6 - Mesas da sala de aula do Colégio Santa Inês	33
Figura 7 - Espaço com livros do Colégio Santa Inês	34
Figura 8 - Espaço com Livros do Colégio Santa Inês	35
Figura 9 - Espaço com Livros do Colégio João Paulo I.....	36
Figura 10 - Espaço com Livros do Colégio Anchieta	36
Figura 11 - Minimercado do Colégio Santa Inês	37
Figura 12 - Minimercado do Colégio Santa Inês	38
Figura 13 - Minimercado do Colégio Santa Inês	39
Figura 14: Brinquedos na sala de aula Colégio Santa Inês	40
Figura 15: Brinquedos na sala de aula do Colégio Santa Inês	40
Figura 16: Brinquedos na sala de aula Colégio Marista Champagnat ..	41
Figura 17: Brinquedos na sala de aula do Colégio Anchieta	42
Figura 18 - Recursos nas paredes do Colégio Anchieta	43
Figura 19 - Recursos nas paredes do Colégio Santa Inês.....	44
Figura 20 - Recursos nas paredes do Colégio Santa Inês	44
Figura 21 - Mesas da biblioteca do Colégio Anchieta	50
Figura 22 - Distribuição dos livros na biblioteca Colégio Anchieta	50
Figura 23 - Espaço de leitura Biblioteca Colégio Bom Conselho	51
Figura 24 - Sala de Robótica do Colégio Santa Inês	53

Figura 25 - Sala de Música Colégio Bom Conselho	54
Figura 26 - Laboratório de Ciências Colégio Anchieta	55
Figura 27 - Sala de Matemática Colégio Anchieta	56
Figura 28 - Sala de Matemática Colégio Anchieta	56
Figura 29 - Espaço Maker Colégio Anchieta	57
Figura 30 - Espaço Maker Colégio Anchieta	58
Figura 31 - Sala 360° Colégio João Paulo I	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Contabilização de fotos nos <i>sites</i> das escolas	15
Quadro 2 - Recursos e itens de mobiliário das salas de aula de AIEF	30
Quadro 3 - Outros espaços educacionais presentes nas escolas	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo mapear e analisar espaços de sala de aula e outros espaços educacionais internos, destinados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF)¹, em escolas da rede privada do município de Porto Alegre. A partir desse objetivo, a pesquisa persegue este problema: quais são as tendências na configuração dos espaços das salas de aula de turmas de AIEF em escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre? A partir dessa questão, buscou-se por regularidades e raridades entre os itens e configurações dos espaços. A partir dos resultados da análise dos espaços das salas de aula, a pesquisa realizou uma segunda etapa da coleta de dados, analisando outros espaços educacionais internos das escolas, a partir da identificação de que esses outros espaços se apresentaram como mais alinhados a discussões que defendem espaços mais flexíveis para favorecer a aprendizagem colaborativa, com movimento e criatividade.

Essa investigação foi realizada por meio de coleta de fotos disponíveis nos *sites* das escolas selecionadas, conforme será descrito no capítulo metodológico. A partir desse mapeamento, discutir-se-á tendências de configuração desses espaços das salas de aula. É válido também mencionar que as fotos utilizadas ao longo do presente trabalho são anteriores às mudanças provocadas pela pandemia de Covid-19, que ocasionaram a necessidade de distanciamento físico.

A partir de busca em sites de 32 escolas, a pesquisa selecionou, inicialmente, 21 que apresentavam fotografias de espaços de salas de aulas. Das 21 escolas, a pesquisa escolheu 07 que apresentavam fotos de salas de aula de AIEF explicitando claramente essa identificação e, entre essas, 05 foram escolhidas para análise dos seus outros espaços educacionais internos. É importante salientar que não foi possível identificar em todas as fotos a qual ano do EF os espaços se destinam.

Como material empírico, além das fotos das 07 escolas, realizou-se entrevista semiestruturada, online, com professora atuante nos AIEF em uma das escolas². A análise desse material empírico foi realizada por meio da análise temática de conteúdo.

¹ Para facilitar a leitura, doravante, os anos iniciais do ensino fundamental serão referidos pela sigla AIEF.

² Inicialmente, a intenção era realizar entrevista com professoras de três instituições. Em função do pouco tempo para realização da pesquisa e do volume de dados gerado, optou-se por restringir a apenas uma instituição.

A escolha desse tema se deve em razão das poucas publicações relacionadas a esse objeto de estudo, principalmente se compararmos com a quantidade de estudos disponíveis com esse foco na Educação Infantil. Espaços bem organizados, planejados e pensados para a infância seguem sendo importantes nos AIEF. Costa (2002) assinala que: “[...] arquitetura é antes de mais nada construção, mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade”, ou seja, os espaços físicos destinados aos Anos Iniciais devem ser construídos com a finalidade de atenderem de forma ampla, inclusiva e respeitosa todos os alunos dessa faixa etária.

O interesse pelos espaços educacionais surgiu durante meu caminhar acadêmico, onde tive a oportunidade de fazer parte da pesquisa “Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: demanda, oferta e qualidade da Educação Infantil para as crianças de 0 a 6 anos”, como bolsista de iniciação científica da professora Simone Santos de Albuquerque. Essa pesquisa busca realizar o mapeamento da demanda, da oferta e da qualidade do atendimento das crianças da Educação Infantil em municípios gaúchos contemplados pelo Proinfância³. Ao longo dessa experiência, fui capaz de perceber a infraestrutura das escolas municipais de Educação Infantil, parte do Programa Proinfância; que tem seus espaços pensados e construídos para crianças pequenas. A partir disso, passei a me questionar acerca da trajetória educacional seguinte que essas crianças de 0 a 5 experimentariam. Ao buscar informações acerca dos espaços dedicados aos AIEF, com foco no primeiro ano, percebi que há grande escassez em trabalhos sobre o assunto. Além disso, ao longo de minha graduação, fui capaz de perceber brevemente alguns espaços de Anos Iniciais que mostravam forte rigidez e controle sobre os alunos, o que aguçou minha curiosidade para observar e compreender melhor esses espaços. Sendo assim, essa experiência me fez ansiar pela escrita da presente tese.

A escolha pelos AIEF⁴ deve-se, inicialmente, pela falta de trabalhos acerca desse assunto, onde sua maioria se trata de análises de espaços focados na Educação Infantil. Um segundo ponto que levou a essa preferência foi o fato dos espaços destinados para os primeiros anos terem uma forte carga de seriedade e

³ Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos da Rede Escolar Pública de Educação Infantil.

⁴ Inicialmente, a pesquisa pretendia analisar apenas espaços destinados ao 1 ano do Ensino Fundamental. No entanto, essa decisão restringiria muito a quantidade de material empírico. Por isso, ampliou-se o foco para todos os anos da etapa dos AIEF.

disciplinaridade. Aos seis anos de idade, crianças que antes brincavam e interagiam entre si na Educação Infantil passam a ser fixadas a mesas individuais e enfileiradas, e seu papel principal passa a ser o de silenciar e apenas receber o conteúdo transmitido pelo professor. Um terceiro ponto a ser pensado é sobre quais mudanças foram realizadas depois de mais de uma década de ampliação do ensino fundamental para nove anos e de inserção das crianças de 6 anos nessa etapa. É interessante pensar sobre como andam esses espaços.

Através deste trabalho, busco analisar tanto as salas de aula de anos iniciais quanto os demais espaços educativos que as escolas oferecem para essa etapa. A partir disso, é de interesse analisar como são essas salas de aula e que propostas pedagógicas estas oferecem, além de observar quais outros espaços educativos são ofertados e o que estes agregam no processo educativo dos alunos. No presente estudo foram analisadas as fotos disponíveis nos *sites* oficiais de escolas da rede particular do município de Porto Alegre, além da realização de entrevista com uma docente de uma das instituições.

Faz-se importante pontuar a possibilidade do presente trabalho seguir um indício da pesquisa “Professora como designer do espaço pedagógico na sala de aula de alfabetização”, produzida em 2019 por Pietra Lemos Fernandes, como Trabalho de Conclusão de Curso, na Licenciatura em Pedagogia da UFRGS. Em conclusão de sua monografia, a autora (FERNANDES, 2019, p. 08) afirma:

Ao contrastar duas escolas públicas e uma privada, foi possível perceber que há diferenças visíveis na qualidade do mobiliário disponível em favor da escola privada, como era esperado. No entanto, focando nos efeitos visíveis das ações das professoras na organização do espaço, as três salas são bem parecidas. Apesar das diversas possibilidades a mais que poderiam privilegiar o espaço da escola privada, por conta dos recursos financeiros serem maiores, não foram percebidas diferenças que possam ser consideradas como inovação para salas de aula do século XXI.

Mapeando fotos nos *sites* de outras escolas privadas, o presente trabalho segue a pista deixada pela pesquisa de Fernandes (2019) e investiga que outras possibilidades espaciais estão disponíveis em salas de aula destinadas aos Anos Iniciais do ensino fundamental.

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este capítulo apresenta as estratégias metodológicas empreendidas na execução desta pesquisa. Primeiramente, foi feita uma busca exploratória em *sites* de escolas privadas do município de Porto Alegre. Os questionamentos dessa etapa giraram em torno de três principais perguntas, sendo elas:

1. Quais são as escolas privadas de Porto Alegre e onde se localizam?
2. Há registros fotográficos das salas de aula de AIEF nos *sites* das escolas?
3. Quais as semelhanças e diferenças entre os espaços nas escolas?

A partir desses primeiros questionamentos, organizou-se o primeiro conjunto de material empírico da pesquisa: fotos disponíveis nos *sites* das escolas. Posteriormente, organizou-se outro conjunto de material empírico: entrevista semi-estruturada com uma professora atuante nos AIEF em uma das escolas escolhidas a partir da análise dos dados oriundos do primeiro material empírico.

Para análise do material empírico, foi escolhida a análise temática de conteúdo, conforme descrita por Minayo (2007).

O capítulo está organizado da seguinte forma: a seção 2.1 apresenta o material empírico obtido no mapeamento das escolas de rede privada de Porto Alegre e em entrevista com uma professora de escola selecionada; a seção 2.2 apresenta revisão bibliográfica acerca da análise temática de conteúdo, enquanto a seção 2.3 indica alguns limites da metodologia de pesquisa, de forma a apresentar os motivos que demonstram que as vantagens do mapeamento online superam as limitações observadas.

2.1 MATERIAL EMPÍRICO: FOTOGRAFIAS E ENTREVISTA

Para a coleta do material empírico, inicialmente, foi criado um mapa com a localização das escolas. Apresenta-se um mapa do município de Porto Alegre com a

distribuição geográfica das 32 escolas presentes no estudo⁵, classificadas em quatro zonas: central, norte, sul e leste.

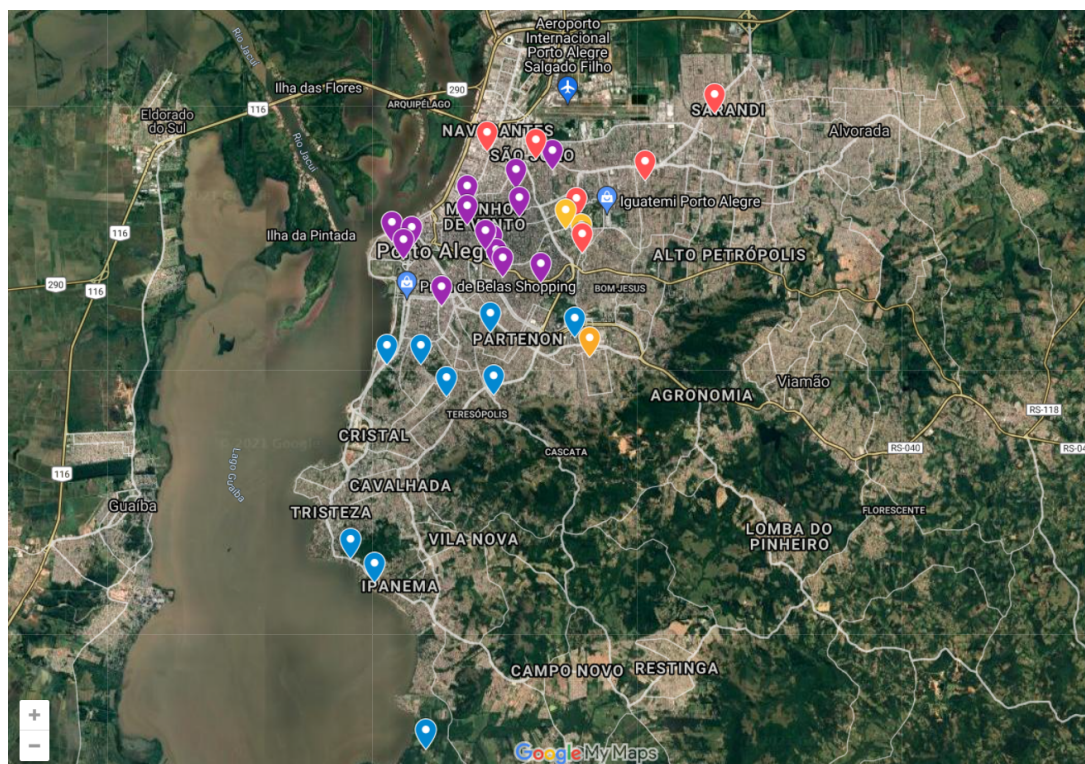


Figura 1 - Mapa de Porto Alegre e as escolas privadas. Legendas das cores: vermelho - zona norte; roxo - zona central; azul - zona sul; amarelo - zona leste. Fonte: elaboração própria com utilização do site Google Maps.

O passo seguinte se caracterizou pela construção de um quadro, dividido em quatro colunas, contendo o nome da escola, o link do site, o bairro e fotos de espaços destinados para os anos iniciais, caso houvesse. O quadro foi construído a partir de busca em fotos com livre acesso nos *sites* oficiais das instituições de ensino. Após analisar os *sites*, separou-se as escolas que apresentavam as fotos daquelas que não apresentavam:

⁵ O mapeamento não dá conta de todas as escolas da rede privada do município, mas contempla a maioria.

Quadro 1 - Contabilização de fotos nos sites das escolas

Total de escolas	<u>Não</u> apresentam fotos de espaços em seus sites	Apresentam fotos de espaços de sala de aula em seus sites	Apresentam fotos de salas de aula de Anos Iniciais em seus sites
32 ⁶	11	21	7

Fonte: elaboração própria.

Após essa busca de fotos nos *sites*, foi criado um novo critério para refinar a escolha entre as 21 escolas selecionadas⁷. O critério utilizado foi de que estivesse escrito de forma explícita no site que o espaço da foto seria, de fato, uma sala de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; dessa forma, aquelas escolas em que as salas apenas aparentavam ser de Anos Iniciais foram descartadas. Sendo assim, chegamos a 7 escolas, de acordo com o último mapeamento realizado nos *sites*, em setembro de 2021:

1. Colégio Anchieta
2. Colégio Bom Conselho
3. Colégio Conhecer
4. Colégio João Paulo I
5. Colégio Marista Champagnat
6. Colégio Santa Cecília
7. Colégio Santa Inês

Fazer uso de fotografias ao longo do trabalho científico facilita ao leitor visualizar o que o pesquisador percebeu ao longo de seu estudo. Segundo Caulfield (1996, p. 56): “imagens produzidas pelo pesquisador (ou seus sujeitos) no curso de um estudo de campo (...) e imagens produzidas pelos atores sociais no contexto da vida cotidiana [...]” são as de maior valia. Trazendo foco para esta pesquisa, serão apresentadas fotos escolhidas por cada escola para publicação nos seus respectivos *sites*, ou seja, é possível inferir que as fotos sejam feitas em determinados ângulos que busquem dar evidência para aquilo que o espaço melhor oferta de acordo com aqueles que fazem parte desses ambientes escolares.

⁶ A lista completa de escolas pode ser conferida no apêndice D.

⁷ Os nomes das escolas serão referidos no trabalho, visto que as fotografias estão disponíveis de forma pública nos *sites* e não poderiam ser reproduzidas sem a fonte.

Para aproximar a pesquisa à experiência docente na utilização de espaços educacionais internos, foi realizada entrevista semiestruturada, online, com professora atuante nos AIEF

No mapeamento realizado, percebeu-se espaços educacionais internos às escolas que apresentavam características de organização espacial mais diferenciadas do que a organização das salas de aula. Por esse motivo, a pesquisa também analisou fotografias desses outros espaços, além de uma entrevista semiestruturada, realizada online, com uma professora atuante nos AIEF em uma das escolas.

Escola e professora não serão identificadas na pesquisa, seguindo o acordo de confidencialidade firmado por meio do Termo de Concordância da Instituição e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido⁸. Outras informações mencionadas na entrevista também foram suprimidas para evitar essa identificação. A entrevista foi guiada por um roteiro de perguntas, sendo realizada em um encontro de 36 minutos. Conforme pode ser visualizado no apêndice A, a escola foi informada que a pesquisa também envolvia mapeamento e análise de fotos públicas disponibilizadas em seu site. Portanto, devido à necessidade de informar a autoria das fotos, o primeiro conjunto de dados do material empírico da pesquisa indica os nomes das instituições.

2.2 ANÁLISE TEMÁTICA DE CONTEÚDO

Após reunir o material empírico, os dados foram gerados a partir de técnicas inspiradas na análise de conteúdo. A análise de conteúdo “[...] surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento; entre 1950 e 1960 a AC estendeu-se para várias áreas” (Caregnato, Mutti; 2005, p. 3). Um dos primeiros idealizadores dessa técnica foi Berelson (1954 *apud* BARDIN, 1995, p. 18), que entre as décadas de 1940 e 1950 apresentou a seguinte definição para análise de conteúdo: “[...] é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

⁸ Apêndices A e B.

Atualmente, podemos dizer que uma das autoras mais respeitadas quando falamos de análise de conteúdo é Bardin, que, a partir de 1977, trouxe mais popularidade à metodologia. Para Bardin (2011, p.47), a análise de conteúdo trata de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Rodrigues e Leopardi (1999) complementam essa definição indicando que a técnica de análise de conteúdo está relacionada ao estudo de uma gama de materiais, tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, quanto nas reticências, entrelinhas, e nos manifestos.

Entre as técnicas de análise de conteúdo, utilizamos a análise temática. Conforme Minayo (2007), a análise temática de conteúdo é categorizada em três grandes etapas, sendo elas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação.

Na etapa de pré análise, como primeiro momento da pesquisa, “[...] efetua-se a organização do material a ser investigado, tal sistematização serve para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise” (SILVA; FOSSÁ, 2015 p.3). Segundo Bardin (2011), essa etapa é dividida em quatro partes essenciais: a *leitura flutuante*, que se caracteriza pelo primeiro contato do pesquisador com os documentos a serem estudados; a *escolha dos documentos*, que consiste na separação dos materiais necessários; a *formulação das hipóteses e objetivos*, que busca iniciar algumas hipóteses em relação aos documentos selecionados anteriormente, e a *elaboração de indicadores*, que interpreta essas primeiras hipóteses.

Na etapa seguinte, de exploração do material, “[...] ocorre à descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido ao estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos” (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 735); ou seja, “Nessa fase, o texto das entrevistas, e de todo o material coletado, é recortado em unidades de registro. Tomar-se-ão, como unidades de registro, os parágrafos de cada entrevista, assim como textos de documentos, ou anotações de diários de campo. Desses parágrafos, as palavras-chaves são identificadas, faz-se o resumo de cada parágrafo para realizar uma primeira categorização. Essas primeiras categorias são agrupadas de acordo com temas correlatos e dão origem às categorias iniciais” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.4).

Como etapa final, destaco o tratamento dos resultados e interpretação, no qual o pesquisador reúne os materiais em estado bruto e lapida até que as informações façam sentido e entreguem alguma resposta. A partir disso, “[...] a análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.4).

A análise de conteúdo não pode ser definida de forma muito precisa. Segundo Lasswell, Lener e Pool (1972 *apud* BARDIN, 1995, p. 13) “[...] a análise de conteúdo deve começar onde os modos tradicionais de investigação acabam”. Ou seja, a análise de conteúdo perpassa aquilo que o material de investigação carrega: “[...] a análise de conteúdo, como método, não possui qualidades mágicas e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes até menos; - no fim de contas, nada há que substitua as idéias brilhantes” (BERELSON, 1959 *apud* BARDIN, 1995, p. 20). Através da análise de conteúdo, o material investigativo ganha vida, visto que essa técnica de análise permite que o pesquisador trave um diálogo com o material.

Como última etapa da análise temática de conteúdo, foram utilizadas fotos dos espaços educativos e salas de aula dos primeiros anos das escolas escolhidas para a pesquisa. Sendo assim, foi adaptada uma abordagem visual, embora sem informações mais precisas do contexto de cada fotografia, em função das necessidades de distanciamento físico do período pandêmico. Os autores Mendonça, Barbosa e Durão (2007, p. 58-59) informam a relevância da utilização de fotografias na pesquisa, visto que: “A capacidade da imagem fotográfica de conter a informação de maneira econômica e confiável torna possível uma catalogação mais eficiente de dados nas pesquisas.”

A organização do material empírico deu origem às categorias de análise, as quais serão apresentadas no capítulo 4.

2.3 LIMITES DA METODOLOGIA

Como a pesquisa é baseada nas fotos disponíveis nos *sites* das escolas, é preciso destacar que há uma limitação no estudo para analisar todos os elementos que, de fato, podem compor as salas de aula das escolas. Pontos como a variação da disposição do mobiliário que compõem as salas durante as aulas, a possível

existência de outros espaços que não têm fotografias nos *sites* das escolas, além dos ângulos de captura das fotos, podem deixar de fora alguns elementos que poderiam ser úteis à pesquisa.

Apesar dessas limitações, pode-se considerar que as escolas provavelmente têm interesse em mostrar em seus *sites*, inclusive para futuros clientes, os seus diferenciais. Apesar disso, considera-se que a facilidade de acesso a essa quantidade de escolas em período de pandemia é superior a esse limite, pois a pesquisa gera indícios que podem inspirar futuros estudos que possam ter acesso presencial a essas instituições.

No que se refere às escolas alvo deste estudo, algumas delas, por mais que aparentem ter espaços interessantes que poderiam ser analisados na pesquisa, não aparecerão ao longo do trabalho em razão da limitação das fotos disponíveis em suas redes. Entre os *sites* das 32 escolas, esse foi o caso de 3. O primeiro exemplo é a Escola Waldorf Querência, que tem como principal proposta apresentada em suas redes sociais o uso de espaços ao ar livre e com natureza. Fotos que mostram os alunos arando a terra, fazendo manualidades, participando de trilhas e até mesmo em uma aula que ocorre em ambiente externo mostram a tentativa da escola em trazer espaços mais naturais para a vida escolar de seus alunos. Apesar da existência dessas fotos, elas não contêm descrição que afirme que aquele espaço é utilizado de fato para os Anos Iniciais.

Também houve o caso da Escola Casa Mosaico, que apresenta em seu site a “Sala de Aula com paredes móveis”; porém, apesar de a ideia ser interessante, não há fotos suficientes que mostrem como esse conceito funciona, além de não ser possível identificar a etapa que esses espaços buscam atender.

Como terceira e última instituição de ensino, a Escola Província de São Pedro veicula em suas redes ter salas de aula montessorianas, além de trabalhar em pequenos grupos; porém, as informações no *site* não deixam claro quais são os espaços de sala de aula dos Anos Iniciais.

Apesar da escassez de fotos e informações, é válido ressaltar que as características aparentes nos sites dessas escolas ganham destaque devido às suas propostas pedagógicas mencionarem o uso do espaço de forma "diferenciada".

3 A SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUMAS DISCUSSÕES

Foi realizado um levantamento no LUME, repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), buscando pela presença de discussões sobre a temática espaços e salas de aula dos AIEF em Trabalhos de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura em Pedagogia (modalidade presencial), concluídos a partir do ano de 2010⁹. Utilizando a ferramenta de busca por assunto livre, a pesquisa pelas entradas "espaço", "sala de aula" e "ensino fundamental" encontrou muitos trabalhos; no entanto, refinando a busca, apenas dois trabalhos trataram especificamente da análise de espaços de sala de aula dos AIEF: 1) "A organização do espaço escolar no Ensino Fundamental: uma revisão de literatura", de Vanessa Santos Homes, iniciado e concluído em 2019/1; e 2) "Professora como designer do espaço pedagógico na sala de aula de alfabetização", de Pietra Lemos Fernandes, iniciado em 2019/1 e concluído em 2019/2¹⁰. São trabalhos que indicam interesse mais recente de discentes do curso pela pesquisa dessa temática.

O estudo de Homes (2019) objetivou a realização de revisão de literatura de trabalhos publicados, entre 2000 e 2018, relacionados ao tema organização do espaço escolar no ensino fundamental. Como resultados, Homes (2019, p. 04) apresenta:

Foi possível perceber que há uma importante preocupação com a questão do espaço escolar para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, uma preocupação advinda de diferentes campos teóricos, como a Arquitetura e a Educação, campos das pesquisas selecionadas. Os trabalhos trazem reflexões sobre o espaço escolar como um elemento constituinte do currículo escolar, sendo considerado uma forma silenciosa de ensino. Além disso, as pesquisas proporcionaram uma reflexão acerca da distinção entre o que é espaço e o que é ambiente, mostrando que são conceitos ligados e indissociáveis, uma vez que se complementam. Também foram localizados vários trabalhos que tratam do conceito de ambiente alfabetizador, apontando suas características e indicando como este pode favorecer o processo de alfabetização dos alunos, explicitando sobre como organizamos esse ambiente para que se torne lúdico e acolhedor. Por fim, foram localizados trabalhos que chamam a atenção para as questões de saúde do educando como o surgimento de problemas

⁹ São poucos os trabalhos anteriores a esse período disponíveis em formato digital. O TCC em formato de monografia passou a ser obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia da FACED/UFRGS a partir do primeiro semestre de 2007.

¹⁰ A reforma curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, ocorrida a partir de 2018/2, passou a prever a realização do trabalho de conclusão em dois semestres para discentes que ainda não tinham cursado o estágio curricular obrigatório.

posturais quando os mobiliários não atendem as características da turma, da idade e da série.

Por sua vez, Fernandes (2019) objetivou perceber como três professoras de turmas de 1º ano do ensino fundamental organizavam os espaços da sala de aula, para fins pedagógicos, em duas escolas públicas e uma escola privada no município de Porto Alegre. A partir dos resultados, a autora concluiu:

[...] as principais ações de planejamento do design das salas de aula de 1º ano foram o posicionamento das mesas e cadeiras e sua relação com o quadro, este já previamente disposto pelas escolas, e a disposição do alfabeto. Nesse sentido, o planejamento do espaço como uma das habilidades necessárias à docência nos anos iniciais e as condições oferecidas pela formação inicial e pelas escolas para que isso seja possível precisam avançar mais, no que se refere à inventividade e flexibilidade desses espaços para criação de módulos que permitam mais movimento e uma cultura de indagação. Ao contrastar duas escolas públicas e uma privada, foi possível perceber que há diferenças visíveis na qualidade do mobiliário disponível em favor da escola privada, como era esperado. No entanto, focando nos efeitos visíveis das ações das professoras na organização do espaço, as três salas são bem parecidas. Apesar das diversas possibilidades a mais que poderiam privilegiar o espaço da escola privada, por conta dos recursos financeiros serem maiores, não foram percebidas diferenças que possam ser consideradas como inovação para salas de aula do século XXI.

Assim sendo, destaco que a pesquisa proposta no presente Trabalho de Conclusão de Curso agrega a esses estudos anteriores a possibilidade de investigar tendências na organização de espaços de salas de aula dos AIEF na rede privada de ensino da cidade de Porto Alegre e que outros espaços nessas escolas também têm sido utilizados por alunos dessa etapa.

A revisão bibliográfica acerca da discussão sobre ensino simultâneo e organizações alternativas do espaço da sala de aula na contemporaneidade é apresentada nas seções seguintes deste capítulo.

3.1 SALAS DE AULA E ENSINO SIMULTÂNEO

É fato que ao longo dos séculos as transformações têm sido constantes e vêm propiciando cada vez mais novas possibilidades e formas de viver a sociedade em que vivemos. Esse fato vem sendo ainda mais potencializado desde que as tecnologias digitais surgiram, pois a informação se tornou mais acessível e instantânea, sendo possível estar a par de diversos assuntos através de uma única

tela. Com todas essas atualizações, os espaços que habitamos também vêm sendo modificados: temos salas de cirurgia cada vez mais tecnológicas, máquinas que nos permitem fazer pagamentos em diversos estabelecimentos, webconferências e possibilidades de encontros virtuais sem presença física em um mesmo espaço. São diversos espaços que se tornaram quase irreconhecíveis, se os compararmos há alguns anos. Apesar disso, dentro das salas de aula escolares, é perceptível a constância desses espaços há muito tempo.

Para Nóvoa e Alvim (2021, p.5), a definição de escola é:

Antes de 1870 há várias respostas possíveis. Depois de 1870 há apenas uma: é um edifício próprio, separado do resto da sociedade, constituído sobretudo por várias salas de aula, com dimensões bastante semelhantes em todo o mundo ($\pm 50 \text{ m}^2$), no interior das quais um grupo relativamente homogêneo de alunos (entre 25 e 40), agrupados sempre que possível por idades e por nível de progresso nos estudos, sentados em carteiras escolares arrumadas em fileiras, ouvem em silêncio as lições dadas por um mestre, titulado e formado para esta função, que recorre no seu trabalho pedagógico a vários suportes didáticos, em particular ao quadro negro.

A seguir, são ilustradas duas fotos, em diferentes épocas, de salas de aula da etapa que hoje conhecemos como AIEF: a primeira (fig. 2), do século XIX, e a segunda (fig. 3), do ano de 2021.



Figura 2 - Sala de aula de anos iniciais no século XIX. Fonte: <https://fundacaorotary4651.wordpress.com/2016/08/13/escola-do-seculo-xix/>. Acesso em: 17 mar. 2021



Figura 3 - Sala de aula de anos iniciais no ano 2021. Fonte: Foto do site Colégio Damas, Recife/PE. Acesso em: 17 mar. 2021

Analisando as fotos, encontramos diversos pontos de similaridade, como o enfileiramento das mesas, a posição de destaque da professora sob uma plataforma no chão, além do foco visual no quadro. Dito isso, esta seção aborda a permanência de elementos nestes espaços físicos, dedicados ao ensino simultâneo.

A ideia de ensino simultâneo surgiu no século XVI, com o pensador e educador europeu Jan Amos Comenius (1592-1670), que escreveu o livro “Didática Magna” e prezava pela ideia de ensinar tudo a todos. No século XVIII, João Batista de La Salle (1651-1719) também defendeu a ideia de ensinar a todos. Suas aulas eram realizadas em grupo e não individuais, como a maioria da época; além disso os alunos eram divididos em turmas de acordo por suas idades. Segundo Lesage (1999, p. 10), o ensino simultâneo:

É coletivo e apresentado a grupos de alunos reunidos em função da matéria a ser estudada. O ensino dado pelo professor não se dirige mais a um único aluno, como no modo individual, mas pode atender a cinquenta ou sessenta alunos ao mesmo tempo.

O conceito de ensinar a muitos como se fossem um é nitidamente visível pelo formato que as salas de aula são configuradas até os dias de hoje. A planta abaixo torna possível visualizar a configuração de sala de aula geralmente destinada ao ensino simultâneo:

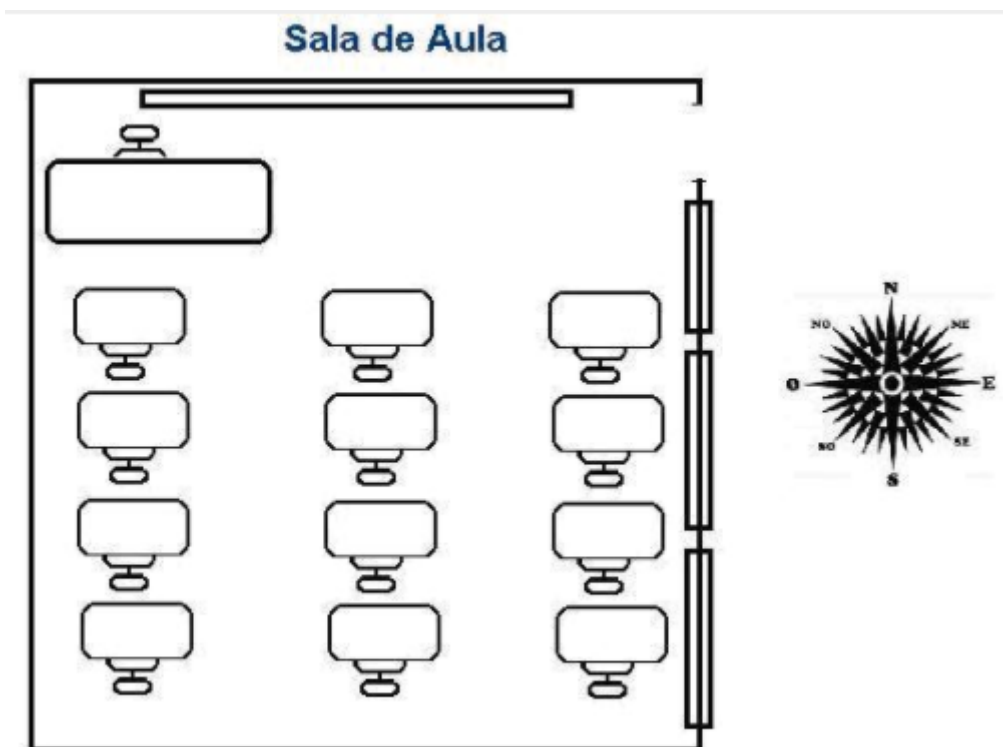


Figura 4 - Planta de sala de aula. Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=1371>. Acesso em: 30 mar. 2021

A figura 4 apresenta a planta de uma sala de aula de Anos Iniciais hodierna. A forma como a sala de aula está organizada é fato inicial e primordial para que sejam pensadas atividades pedagógicas; é por meio de um espaço bem planejado e organizado que são propiciados ambientes de relações humanas de aprendizado e criatividade: “A ideia de espaço faz alusão, mais do que aos componentes isolados que o formam, à particular relação que se estabelece entre ele e as pessoas que o frequentam” (ZABALZA, 1998, p. 241).

No modelo de sala de aula ilustrado, nota-se apenas um espaço em foco: as mesas enfileiradas apontadas em direção ao quadro. O foco da sala de aula de ensino simultâneo é o coletivo e o ritmo comum. É oferecido a todos os alunos o mesmo espaço e período de tempo. Desde o século XX, cresceram gradualmente as críticas a esses espaços escolares e suas condições precárias de acolhimento às individualidades. No entanto, no que se refere aos primeiros anos do ensino fundamental, o mais corriqueiro é encontrarmos salas que repetem as configurações das fotos desta seção.

Na próxima seção, apresentam-se discussões que objetivam projetar outras perspectivas para esses espaços escolares.

3.2 "SALA DE AULA DO FUTURO": DISCUSSÕES RECENTES

Como visto no subcapítulo anterior, a sala de aula ao longo dos séculos não apresenta grandes diferenças em sua arquitetura. Apesar disso, para algumas escolas, as “salas de aula do futuro” (BAETA; PEDRO, 2018) são realidade. Em Portugal, assim são chamadas as salas de aula que vêm sendo implementadas nos últimos anos no país, com espaços mais adaptáveis a transformações para as atividades pedagógicas e com mais presença de tecnologia.

Para Oblinger (2005) e Leahy (2015), existem três componentes essenciais quando falamos sobre tornar uma sala de aula mais moderna: espaço, pedagogia e tecnologia. Para que esse espaço seja completo, é necessário que os três componentes estejam alinhados e sejam pensados em conjunto, já que um não deveria existir sem pensar o outro. O espaço é aquilo que dá possibilidades diversas para o uso da pedagogia e da tecnologia, enquanto a pedagogia precisa ser pensada com propriedade para que tanto o espaço quanto a tecnologia sejam bem utilizados. Já a tecnologia não apenas reflete o caráter social atual, que não deve ser negado, como também apoia o docente nas atividades e propostas.

No que se refere ao espaço, Baeta e Pedro (2018) defendem planejar espaços flexíveis, modulares e adaptáveis¹¹, pensar na sala de aula como um local potencializador de aprendizagens, um espaço que precisa estar aberto e disposto de forma convidativa, acessível para as diferentes relações humanas e aprendizados que ali dar-se-ão.

Segundo Forneiro (1998), a definição de espaço se dá por aquilo que o compõe, ou seja, os objetos que nele se instalam, os móveis, os utensílios, a decoração e os recursos didáticos. Além disso, para a autora, a palavra ambiente não é considerada sinônimo de “espaço”, visto que o ambiente se refere não apenas ao espaço físico, mas também às relações humanas que ali são propiciadas. É importante que os espaços escolares dedicados aos Anos Iniciais sejam ambientes acolhedores, convidativos e despertem o interesse das crianças: “Imagine uma sala

¹¹ As autoras têm como fonte os estudos de Diana Oblinger, que cunhou o conceito de “flexible learning spaces”.

de aula que se ajuste ao processo de aprendizado em vez de o processo de aprendizado se ajustar no espaço!” (BASYE *et al.*, 2015, p. 50, tradução nossa).

A partir da diferenciação entre “espaço” e “ambiente”, é válido sustentar que o presente trabalho de conclusão busca estudar, em particular, os espaços de Anos Iniciais; ou seja, em nosso estudo não haverá maior aprofundamento acerca das relações humanas ali presentes. Porém, é importante que a ideia de interação e humanização dentro da escola estejam sempre evidentes, visto que os espaços escolares devem ser construídos e pensados para e com os alunos que ali convivem. É importante desmistificar a ideia de salas de aula no formato tradicional que visam apenas a transmissão de conteúdo, como trazido por Baeta e Pedro (2018, p. 86):

Mediante a implementação de espaços que beneficiem múltiplas experiências no processo de ensino - aprendizagem, juntamente com os elementos que o constituem (mobiliário, recursos/equipamentos tecnológicos), os professores podem criar mudanças subtis e inesperadas dentro da sala de aula, promovendo maiores índices de motivação, estimulando a interação e o envolvimento dos alunos nas atividades de aprendizagem.

Em consonância aos parágrafos anteriores, no livro “Aprendizagem Ativa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, Anitra Vickery (2016) cita o termo “cultura de indagação” como um ambiente cuja combinação entre espaço e pedagogia produzem curiosidade, pensamento crítico e criatividade:

Um ambiente que ofereça às crianças a oportunidade de aprender por meio de explorar, questionar e conjecturar [...]. Um ambiente que incentive a independência e a resiliência das crianças; um ambiente em que as crianças se sintam apoiadas para investigar, cometer erros, aprimorar abordagens e ideias e, fundamentalmente, que os prepare para a vida no século XXI (VICKERY, 2016, p.31).

Para a autora (*id.*; *ibid.*), existe uma série de fatores essenciais para que as salas de aula dos Anos Iniciais possibilitem essa chamada “cultura da indagação”, sendo estes:

- posicionamento das crianças no centro das decisões sobre a aprendizagem delas;
- aprendizagem modelada e entusiasmo compartilhado;

- aprendizagem ativa em todo o currículo;
- auxílio à indagação colaborativa;
- relação professor/criança;
- linguagem e debate;
- grupos eficazes;
- desenvolvimento de um ambiente solidário;
- espaço físico.

Em relação ao espaço físico, este deve transmitir os aprendizados das crianças além daqueles interesses que elas ainda almejam e suspiram. É importante que esses espaços sejam pensados para serem confortáveis, além de promover estímulos à criatividade, ao questionamento, à interação e ao debate. Para que isso seja possível, é necessário refletir acerca da mobília e como o espaço é utilizado, além das cores, a temperatura, a iluminação e os níveis de ruído (VICKERY, 2016).

Relacionando esses itens, é possível afirmar o caráter essencial do espaço físico para que as demais necessidades sejam possíveis, além de facilitadas. Um espaço educativo que apresenta mesas em grupo, por exemplo, pode favorecer o debate e a aprendizagem em conjunto; além disso, a existência de nichos e maior espaço de deslocamento dentro das salas pode promover maior autonomia, ou seja, permite que os alunos não permaneçam presos a mesas fixas direcionadas ao quadro. Essa reflexão acerca de espaços flexíveis é trazida por Neuza Pedro (2017, p. 102):

Recentemente, tem ganho destaque o estudo de mobiliário associado ao *flexible seating* (DELZER, 2016), ou seja, a integração em sala de aula de múltiplos e flexíveis artefactos que suportem a ação de sentar/recostar/reclinar, na medida em que se verifica que tais elementos, ao permitir aos alunos mudar de postura, revelam-se positivos para a sua saúde física (MAHAR, 2006; TREMBLAY, et al., 2011), ao mesmo tempo que se revelam favorecedores do restabelecimento da atenção, concentração e envolvimento na tarefa (CLEMES, et al, 2016; SHERRY; PEARSON; CLEMES, 2016).

Infelizmente, ainda são raras as referências a espaços escolares desse tipo no Brasil. Rheingantz *et al.* (2009) narram que, na experiência desenvolvida com alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ em que é solicitado um projeto de espaço escolar, é difícil encontrar referências de escolas brasileiras que inspirem os estudantes a projetar espaços para fomentar menos o ensino transmissivo e mais

o dialogismo. Conforme os autores (id.; ibid., p. 21), essa limitação "[...] obriga os estudantes à busca por exemplos de projetos internacionais".

O próximo capítulo apresenta as análises do material empírico da pesquisa.

4 A SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISES

São fonte da pesquisa 07 escolas que apresentaram fotos de suas salas de aula de AIEF, com foco nos primeiros anos, explicitamente identificadas¹². É importante salientar que não foi possível identificar em todas as fotos a qual ano do EF os espaços se destinam. Tratando-se do espaço da sala de aula, foram observados os seguintes aspectos:

- Disposição das mesas;
- As paredes das salas e o que elas nos contam;
- O espaço disponível para a circulação de alunos e professora;
- A existência ou não de diferentes espaços/cantos propositores dentro da sala.

A partir disso, busca-se chegar à resposta da seguinte questão: quais são as tendências na configuração dos espaços das salas de aula de turmas de AIEF em escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre? A partir dessa questão, buscou-se por regularidades e raridades entre os itens e configurações dos espaços representados nas imagens.

4.1 SALAS DE AULA DE ANOS INICIAIS: INDÍCIOS DO MAPEAMENTO

A partir das fotos nos *sites* das 07 escolas, foi possível perceber algumas regularidades e raridades no que se refere a alguns recursos e itens de mobiliário, como mostrado no quadro a seguir:

¹² A lista das escolas foi apresentada no capítulo 2.

Quadro 2 - Recursos e itens de mobiliário das salas de aula de AIEF

	VISÍVEL	NÃO PRESENTE OU NÃO VISÍVEL
Mesas individuais	Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília Colégio Conhecer	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Inês
Mesas viradas para o quadro	Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Inês Colégio Conhecer
Mesas ocupam quase todo o espaço da sala	Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília Colégio Conhecer	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Inês
Espaço para livros (minibiblioteca)	Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Conhecer	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Cecília
Minimercado	Colégio Santa Inês	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I

		Colégio Santa Cecília Colégio Conhecer
Brinquedos	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Santa Inês	Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília Colégio Conhecer
Recursos nas paredes	Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Conhecer	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Cecília
Retroprojektor	Colégio Marista Champagnat Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília	Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho Colégio Conhecer
Computador disponível para os alunos	Colégio Marista Champagnat	Colégio Santa Inês Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília Colégio Conhecer
Computador disponível apenas para o professor	Colégio Anchieta Colégio João Paulo I Colégio Santa Cecília	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho Colégio Conhecer

Fonte: elaboração da autora, a partir de banco de dados da pesquisa.

Inicialmente, no que se refere às **mesas dos alunos** e sua disposição na sala de aula, é possível afirmar que a maioria das escolas utiliza mesas individuais, viradas para o quadro e que ocupam grande parte da sala. Esse tipo de posicionamento remete-se à escola de ensino simultâneo, como explicitado no capítulo anterior.

As salas que não apresentaram esse formato chamaram a atenção, sendo elas do Colégio Marista Champagnat e do Colégio Santa Inês. O Colégio Marista Champagnat tem suas mesas em trios ou quartetos (fig. 5), o que pode permitir que haja mais interação e momentos de aprendizagem em grupo. Segundo o autor Mortimer (2002, p. 284):

O processo de aprendizagem não é visto como a substituição das velhas concepções, que o indivíduo já possui antes do processo de ensino, pelos novos conceitos científicos, mas como a negociação de novos significados num espaço comunicativo no qual há o encontro entre diferentes perspectivas culturais, num processo de crescimento mútuo. As interações discursivas são consideradas como constituintes do processo de construção de significados.

Desse modo, é possível afirmar o caráter essencial das interações e diálogos durante as aulas, que devem ser propiciados também por meio da disposição da mobiliária da sala.



Figura 5 - Mesas da sala de aula do Colégio Marista Champagnat. Fonte: Disponível no site https://cdn.redemarista.org.br/arq/champagnat/tour/?_ga=2.224783507.868133788.1595852464-116503265.1532624000. Acesso em: 22 maio 2021.

No que concerne ao Colégio Santa Inês, é possível perceber na foto a seguir (fig. 6) que as mesas têm formato circular e acompanham seis cadeiras. Esse formato é comumente utilizado em turmas de educação infantil, e a continuidade desse uso também para os Anos Iniciais quebra a ideia tradicional de que essa etapa deveria ter um espaço mais regrado e “sério”. A mudança brusca no mobiliário entre essas duas etapas, comumente ocorrida, também se torna atenuada em espaços como esses. Sendo assim, “[...] para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo [...]” (BNCC, 2017, p. 54).



Figura 6 - Mesas da sala de aula do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 22 maio 2021.

Ademais, o fato de as mesas não serem viradas em direção ao quadro denota que se espera do professor que se locomova mais pela sala de aula e que alunos interajam mais.

Além disso, outro ponto também importante de ser mencionado é o tamanho das mesas, ou seja, se estas são projetadas especificamente para crianças. É importante que o espaço da sala de aula seja pensado para o público que ali será atendido, sendo assim, é essencial que pontos como esse sejam pensados ao longo da organização desses espaços.

Já o **espaço com livros** aparece em cinco das sete salas de aula observadas. Dentre essas salas, o Colégio Santa Inês se destaca, visto que apresenta um espaço diferenciado (figs. 07 e 08) em relação às demais escolas e com a disponibilidade dos livros ao alcance dos alunos. Segundo Zilberman e Silva (1989, p. 09):

Percebemos que a escola muitas vezes se preocupa mais com a escrita, especialmente com ortografia do que com a leitura. Por isso os procedimentos com relação à leitura e à escrita precisam ser revistos. Tendo em vista que a leitura é uma habilidade que precede a escrita. A leitura deveria ser um ato prazeroso. No entanto por a escola não dispor ou por não fornecer materiais que favorecem a prática de leitura, o ato de ler se torna desagradável, monótono.



Figura 7 - Espaço com livros do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 22 maio 2021.

Nas figuras 07 e 08, percebe-se que o espaço destinado aos livros contém tapetes e almofadas para que as crianças possam sentar, deitar e se aconchegar para a leitura. Também há variedade de livros disponíveis para a escolha pessoal de cada aluno ao redor do espaço. Essa possibilidade torna o momento de ler mais agradável, atrativo e confortável, o que é importante para que os alunos desenvolvam suas capacidades de leitura. Vale destacar que para que isso aconteça de fato, é necessário que superemos a ideia de “ler como obrigação puramente

escolar para o ler que busca compreender a realidade e situar-se na vida social” (SILVA, 1993, p. 23).



Figura 8 - Espaço com Livros do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 23 maio 2021.

Na figuras a seguir (figs. 09 e 10), é possível observar mais alguns espaços para livros, dessa vez das instituições Colégio João Paulo I e Colégio Anchieta, respectivamente:

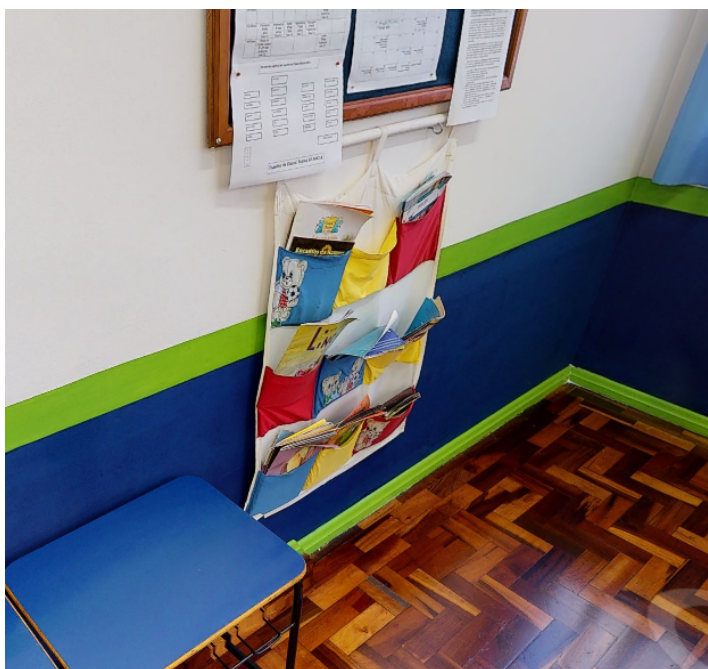


Figura 9 - Espaço com Livros do Colégio João Paulo I. Fonte: Disponível no site <https://my.matterport.com/show/?m=oVzoDGYqYXK>. Acesso em: 26 maio 2021.



Figura 10 - Espaço com Livros do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso em: 26 maio 2021.

A figura 09 mostra um tecido com bolsos, onde os livros são colocados, enquanto a figura 10 dispõe os livros infantis em uma prateleira comprida abaixo do quadro da sala de aula. Em ambas as salas, é possível observar que os livros ficam ao alcance dos alunos, o que facilita o acesso destes à leitura. Além disso, visto que não há um espaço específico disponibilizado para que as crianças possam se acomodar, é provável que estas usem suas mesas para realizar a leitura.

Relativo ao **minimercado**, este foi identificado em apenas uma sala de aula, sendo essa do Colégio Santa Inês. Como pode-se perceber na foto a seguir, esse mobiliário busca trazer para dentro da sala de aula um mercado pequeno, que reproduz, de fato, um ambiente de compra existente no cotidiano das crianças. Essa presença convida ao jogo simbólico de representação entre as crianças dessas situações cotidianas, que também podem favorecer, por exemplo, a aprendizagem da argumentação, do sistema monetário e do cálculo mental.



Figura 11 - Minimercado do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 29 maio 2021.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 281), uma das habilidades que compete ao 1 ano do EF é a de "(EF01MA19) Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações simples do cotidiano do estudante". Sendo assim, a existência de um espaço como o minimercado na sala de aula, além de potencializar a brincadeira, também é um facilitador para o ensino desses processos de numeramento. Em consonância, o ensino do sistema monetário aliado ao uso do minimercado traz a possibilidade não apenas de aprender a fazer pequenos cálculos cotidianos, mas também a problematizar. Observando dentro do minimercado, há uma barraca com frutas, prateleiras com embalagens de itens alimentícios e de higiene, além de uma arara de fantasias e um caixa (figs. 12 e 13).



Figura 12 - Minimercado do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 2 jun. 2021.



Figura 13 - Minimercado do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Observando esse espaço, é também possível inferir que, ao utilizar o minimercado, as crianças podem aprender por meio da brincadeira. Levando-se em conta que brincar é uma forma de aprendizagem, Carvalho (1992, p. 28) complementa:

(...) o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto em jogo.

Para além da utilização de folhas de atividades, o minimercado permite que as crianças coloquem em prática aquilo que normalmente é ensinado de forma mais teorizada. Os alunos podem se colocar tanto quanto compradores quanto vendedores nesse espaço e brincar interpretando cenas de compra e venda utilizadas no cotidiano.

No que se refere aos **brinquedos**, estes foram identificados em 03 salas, sendo que em 02 os brinquedos estavam guardados em caixas no canto das salas de aula; em 01, os brinquedos aparecem com mais facilidade de acesso às crianças. A seguir é possível encontrar fotos da sala de aula de AIEF do Colégio Santa Inês, que tem os brinquedos disponibilizados de forma livre ao longo da sala de aula:



Figura 14: Brinquedos na sala de aula Colégio Santa Inês Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 13 ago 2021



Figura 15: Brinquedos na sala de aula do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso: 13 ago 2021.

Na primeira foto (fig. 14), é notável que o espaço de leitura já mencionado anteriormente também conta com a disponibilidade de alguns brinquedos, sendo alguns deles elementos naturais, o que proporciona aos alunos maior uso da imaginação, visto que esses “brinquedos”, como os gravetos e pinhas, não estão prontos e precisam que as crianças dêem um significado a estes ao longo do seu brincar. De acordo com Piorski (2016, p. 27):

Quando brincam de fazer criaturas de barro ou bonecas, de construir casinhas, assumir papéis e destituir-se deles, quando fazem jornadas e longas viagens com seus bonecos heróis, batalhas de vida e morte nas lutas de espada ou de polícia e ladrão, as crianças assumem, na sua gestualidade, nos sons de suas vozes, no pensar e no imaginar, a estrutura simbólica, a semântica épica, a dimensão mágica das antigas lendas e mitologias [...].

Na segunda foto (fig. 15), é possível perceber que alguns brinquedos ficam localizados próximos às mesas dos alunos.

As fotos a seguir (figs. 16 e 17), relativas aos Colégio Marista Champagnat e Colégio Anchieta, respectivamente, mostram outras formas de disposição dos brinquedos nas salas, de forma menos acessível às crianças:



Figura 16: Brinquedos na sala de aula Colégio Marista Champagnat. Fonte: Disponível no site https://cdn.redemarista.org.br/arq/champagnat/tour/?_ga=2.224783507.868133788.1595852464-116503265.1532624000. Acesso em: 3 set 2021.



Figura 17: Brinquedos na sala de aula do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso em: 3 set 2021.

Nessas fotos, os brinquedos estão guardados em caixas e colocados em um canto ao fundo das salas. Espaços como esse, apesar de muito comuns, salientam a presente ideia de que crianças de 6 a 10 anos não têm mais o direito de brincar e devem passar a ter grandes quantidades de tarefas e trabalhos escolares. Esse fato ocorre em razão da crença de que o ato de brincar é apenas diversão, quando na verdade o “[...] lúdico é um recurso de inestimável valor pedagógico e o brincar é uma atividade de aprendizagem” (KULISZ, 2006, p. 97).

Quanto aos **recursos nas paredes** das salas de aula, cinco delas apresentavam materiais em suas paredes; enquanto duas delas tinham suas paredes limpas. Dando enfoque às salas que têm suas paredes preenchidas, passo à análise de fotos do Colégio Anchieta e do Colégio Santa Inês, que se destacaram em relação às demais porque apresentaram não apenas decorações realizadas por adultos, mas também pelos alunos que àquela sala de aula pertencem.

Na primeira foto (fig. 18), do Colégio Anchieta é possível observar que há decorações nas paredes feitas por um adulto. Há um espaço dedicado a colocar os aniversariantes de cada mês, uma tabela com os numerais e alguns papéis informativos. Apesar da existência desses materiais prontos, é possível também observar que há atividades feitas pelas próprias crianças também colocadas ao redor da sala, o que traz um caráter mais pessoal à turma que ali convive diariamente. Raffestin (1993, p. 144) defende que: “[...] isto é possível quando os

sujeitos desenvolvem, neste local, valores atrelados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, recriando o espaço onde vive ao qual se identificam e se sentem pertencer". A sensação de pertencer àquele espaço é essencial para que os alunos se sintam à vontade dentro da própria sala de aula e consigam aprender de forma mais agradável e satisfatória.



Figura 18 - Recursos nas paredes do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso em: 4 set. 2021.

O mesmo ocorre no Colégio Santa Inês (figs. 19 e 20), que apresenta poucos adereços feitos previamente pela professora e apresenta maior quantidade de tarefas realizadas pelas próprias crianças em suas paredes. É importante organizar o espaço sala de aula com as crianças, e não para elas; sendo assim: “O ambiente deve actuar como uma espécie de aquário que reflecte as ideias, atitudes e culturas das pessoas que nele vivem” (MALAGUZZI, 1997 *apud* LINO, 1998, p. 107). No entanto, no caso do alfabeto, deve ser considerado que uma representação bem clara e visível a longa distância facilita o aprendizado dos alunos. Vickery (2016, p. 48) acrescenta que “[...] ilustrações claras, que não deixam dúvidas do que querem representar, e letras de tamanho padronizado, corretamente traçadas [...]” são essenciais nas salas de anos iniciais, com foco nos primeiros anos.



Figura 19 - Recursos nas paredes do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 5 set 2021.



Figura 20 - Recursos nas paredes do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso em: 5 set 2021.

No que se refere à presença de tecnologia na sala de aula, a existência ou não de três itens contaram durante a análise: **projektor, computadores disponíveis para os alunos e computadores disponíveis para o professor**. Referente à existência desses materiais, três das sete escolas apresentaram projetor. Quanto aos computadores, apenas uma escola apresentou em seu site a presença desses

aparelhos disponíveis para os alunos, enquanto as demais seis escolas não tinham esse recurso. Os computadores disponíveis para os professores estavam visíveis em 3 das 7 salas.

O uso de tecnologia na sala de aula é uma questão bastante significativa, visto que esta está cada vez mais presente em nosso dia a dia, principalmente durante a pandemia de covid-19, que exigiu distanciamento social e fechamento das escolas. Sendo assim, torna-se indispensável que essa ferramenta, que costuma ser tão presente no cotidiano de alunos de escolas privadas, esteja presente nas salas de AIEF. É importante que a tecnologia e a inovação sejam aliados dos processos educativos e não temidos. Segundo Faria (2004, p. 04): “O professor, pesquisando junto com os educandos, problematiza e desafia-os, pelo uso da tecnologia, à qual os jovens modernos estão mais habituados, surgindo mais facilmente a interatividade”. Ou seja, ter acesso à tecnologia durante as aulas pode tornar o aprendizado mais desafiador.

Apesar de mais difícil para alguns professores, que nem sempre estão habituados ao uso de tecnologias digitais, é preciso que sejam repensadas as formas atuais de ensinar na escola, visto que hoje “[...] aparece um novo formato de educação, no qual giz, quadro e livros não são mais os únicos instrumentos para dar aulas que os professores possuem” (RAMOS, 2012, p. 05).

É válido, também, salientar que não basta apenas a existência de elementos tecnológicos dentro das salas de aula, visto que “[...] é necessário um conjunto de mudanças que vão desde a concepção de educação, aprendizagem, ensino, formação de professores, até a definição de políticas que garantam a democratização dessas novas tecnologias em uma perspectiva crítica” (SANTOS, 2005, p. 01).

A partir do conteúdo analisado, é possível inferir que o mais visível no mapeamento foram os espaços fixos, que não são facilmente reconfiguráveis conforme a proposta de ensino-aprendizagem. No entanto, percebeu-se a presença de alguns espaços em que alunos podem ocupar de forma mais flexível, como os espaços destinados à leitura e ao minimercado.

A existência de um mobiliário que possa ser reorganizado de acordo com as necessidades das crianças e de suas aprendizagens é interessante de ser trazido para as salas de aula, já que “ao longo do dia, haverá ocasiões em que as crianças

vão aprender de modo individual, em grupos e com a turma inteira” (VICKERY, 2016, p. 33). Além disso, o espaço com mobiliário flexível permite que as crianças estejam em diferentes pontos da sala de aula de diferentes formas, seja sentadas ou deitadas no chão, com o apoio de almofadas, ou acomodadas em cadeiras.

Para além das salas de aula, faz-se essencial também pensar acerca dos outros espaços educativos escolares que também podem ser ocupados pelas crianças nos AIEF: “A aprendizagem não deve ser limitada à sala de aula, por mais significativa e ativa que a sala de aula possa ser” (HART *et al.*, 2004, p. 232, tradução nossa). Sendo assim, o próximo subcapítulo abordará esse tema.

4.2 ESPAÇOS MAIS FLEXÍVEIS NAS ESCOLAS: INDÍCIOS DO MAPEAMENTO

Durante a pesquisa, restou evidente que os espaços diferenciados das escolas, comumente mais visíveis no *site* e nas redes sociais, não eram espaços das salas de aula de cada turma. São muitos os espaços visualmente atrativos, coloridos, que parecem convidar à colaboração coletiva, devido ao agrupamento circular de cadeiras e mesas ou tapete com almofadas, por exemplo. Surgiu a questão: por que essa configuração de espaços mais flexíveis ao uso dos grupos ainda é tão pouco presente nas salas de AIEF, mesmo nas escolas privadas? No mapeamento desta pesquisa, apenas uma das sete escolas (Colégio Santa Inês) apresentou indícios de espaço mais flexível para AIEF. Ainda assim, a foto analisada claramente indica que o espaço é destinado ao 1 ano do EF - ano de transição da educação infantil para o EF. Nos demais anos, na mesma escola, os espaços das salas das turmas não apresentam a mesma flexibilidade.

No quadro a seguir, é possível verificar quais escolas apresentam ou não alguns espaços educacionais diferenciados além da sala de aula. O Colégio Santa Cecília e o Colégio Conhecer não tinham informações suficientes acerca desses espaços para que pudessem aparecer nesse mapeamento; portanto, a análise desta seção considera o total de 05 escolas.

Quadro 3 - Outros espaços educacionais presentes nas escolas

	SIM	NÃO
Laboratório de aprendizagem	Colégio Santa Inês	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I
Laboratório de informática	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho	Colégio João Paulo I
Laboratório de ciências	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio João Paulo I	Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho
Laboratório de química	Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho	Colégio Marista Champagnat Colégio Santa Inês Colégio João Paulo I
Laboratório de biologia	Colégio Anchieta Colégio Bom Conselho	Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat Colégio João Paulo I
Laboratório de matemática	Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho	Colégio Marista Champagnat Colégio João Paulo I
Sala de arte	Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho Colégio Anchieta	Colégio Marista Champagnat Colégio João Paulo I
Sala de Idiomas	Colégio Bom Conselho Colégio Anchieta	Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat
Sala de música	Colégio Bom Conselho Colégio Anchieta	Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat
Sala de história	Colégio Bom Conselho	Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista

		Champagnat Colégio Anchieta
Laboratório de lego/ robótica	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio Bom Conselho	Colégio João Paulo I
Ginásio	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio João Paulo I Colégio Bom Conselho	
Biblioteca	Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta Colégio Santa Inês Colégio João Paulo I Colégio Bom Conselho	
Cozinha pedagógica	Colégio Anchieta Colégio Santa Inês	Colégio Marista Champagnat Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I
Sala de Jogos/ brinquedos	Colégio Bom Conselho	Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta
Sala de jogos digitais	Colégio Anchieta	Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat
Espaço Maker	Colégio Anchieta	Colégio Bom Conselho Colégio João Paulo I Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat
Sala 360°	Colégio João Paulo I	Colégio Bom Conselho Colégio Santa Inês Colégio Marista Champagnat Colégio Anchieta

Fonte: elaboração da autora, a partir de banco de dados da pesquisa.

A partir da elaboração do quadro, foi possível perceber quais outros espaços educativos cada uma das instituições oferece e, a partir disso, analisar mais de perto esses locais com foco na busca por indícios de espaços com configurações mais flexíveis do mobiliário, que possam convidar os alunos à aprendizagem mais ativa. Portanto, não serão analisados todos os espaços indicados no quadro. Sendo assim, os locais que serão analisados são: biblioteca, laboratório de lego ou robótica, sala de música, laboratório de ciências, salas de matemática, espaço maker e sala 360°.

O primeiro espaço que vale a pena ser destacado é a **biblioteca**, que é encontrada na totalidade de escolas pesquisadas e tem grande valor na formação dos alunos, substancialmente nos de Anos Iniciais, que recentemente começaram sua descoberta na leitura e na escrita. Para Côrte e Bandeira (2011, p. 08), a biblioteca é “[...] um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito e da leitura”.

Diante das bibliotecas expostas nos *sítes* das escolas e em contato com o fator essencial desses espaços, destaca-se a atenção para algumas instituições, sendo a primeira delas o Colégio Anchieta, que apresenta não apenas uma biblioteca central e geral para a utilização da instituição como um todo, mas também conta com uma biblioteca infantojuvenil dedicada aos alunos mais novos. Trazendo maior foco à biblioteca infantojuvenil, inicialmente, é possível observar que esse espaço (fig. 21) conta com mesas em grupo, o que possibilita a interação entre os alunos e facilita a aprendizagem em grupo.



Figura 21 - Mesas da biblioteca do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso em: 10 set. 2021

Mais um fator que chama a atenção nesse espaço (fig. 22) é o fato de os livros estarem todos ao alcance das crianças, seja em móveis baixos ou prateleiras. Além disso, há capas visíveis dos livros para convidar as crianças à leitura. A presença de menor número de mesas convida a circular pelo espaço e até a conversar sobre a leitura nas mesas coletivas.



Figura 22 - Distribuição dos livros na biblioteca Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso em 10 set. 2021.

Ainda analisando as bibliotecas, o Colégio Bom Conselho (fig. 23) apresenta um espaço que conta com a disposição de tatames de EVA no chão e cercados por algumas almofadas e alguns “puffs”. A existência de espaços como esse na biblioteca incentiva a leitura como tarefa agradável, que pode ser desenvolvida em posições confortáveis para cada um, com mais flexibilidade do que apenas a possibilidade de ler sentado na cadeira.



Figura 23 - Espaço de leitura Biblioteca Colégio Bom Conselho. Fonte: Disponível no site <https://www.bomconselho.com.br/estrutura/salas-ambientes>. Acesso em: 10 set 2021

Perrotti, Pieruccini e Carnellosso (2016) destacam a importância de a biblioteca escolar apresentar dupla dimensão: tanto espaço organizado para leitura em uma perspectiva de formação integral da criança, quanto um espaço que também possa ser inventado pelos leitores. Nesse sentido, a biblioteca do Colégio Bom Conselho apresenta um espaço que pode contemplar essas duas dimensões. Para os autores (id.; *ibid.*, p. 117), subordinar os leitores

[...] a modos de organização inflexíveis, incapazes de dialogar com os processos a que se referem, é colocar a ordem como valor superior que submete a tudo e a todos. É necessário, portanto, instituir um diálogo permanente entre as formas de organização e demandas próprias dos sujeitos e dos atos de leitura.

Mais um ambiente que chama atenção a partir da coleta de dados é o **Laboratório de lego ou robótica**. Esse espaço foi encontrado em 4 das 5 escolas, o que indica que vem se mostrando cada vez mais presente nas escolas privadas, provavelmente em função da forte evolução tecnológica que estamos vivendo. Espaços como esse permitem que os alunos aprendam por meio de suas próprias construções colocadas em prática. Em consonância, Becker (2010, p. 18) afirma que:

(...) o homem só compreende bem aquilo que faz, e só faz bem o que compreende: fazer e compreender (Piaget) equivale a agir e refletir (Freire) desde que dialeticamente entendidos; tomada de consciência (Piaget) e processo de conscientização (Freire) são processos parecidos, talvez quase idênticos, sobretudo no que têm de atividade criadora e inventiva, desde que entendidos como função da ação do próprio homem e não de um ensino unidirecional ou de uma repetitiva doutrinação.

Na foto a seguir (fig. 24), é possível observar o espaço de robótica do Colégio Santa Inês, que, segundo seu site, contém Apple TV e impressora 3D. Ainda segundo descrição da escola, esse espaço “favorece a resolução de problemas, o pensamento computacional e a criatividade”. Trata-se de um espaço em que é possível reunir-se ao redor da mesa, não necessariamente estando sentado, para testar os modelos de robótica construídos com lego. Novamente, é um espaço que contrasta com a maioria das salas de aula de AIEF analisadas na seção anterior.



Figura 24 - Sala de Robótica do Colégio Santa Inês. Fonte: Disponível no site <http://www.santainesrs.com.br/index.php/o-colegio/tour-virtual>. Acesso: 18 set 2021.

Outro destaque é relativo às salas ou laboratórios destinados a determinados componentes curriculares, como ciências, geografia, história, etc. Algumas dessas salas apresentam mobiliário que, visualmente, convidam mais à aprendizagem ativa e colaborativa do que a configuração da maioria das salas de aula das turmas. Um exemplo disso é a **sala de música** (fig. 25), que aparece no Colégio Bom Conselho. É possível observar na foto abaixo que as cadeiras são dispostas em formato circular, o que permite que as crianças se vejam e dialoguem mais facilmente. O amplo espaço, apenas com cadeiras, permite que esse mobiliário facilmente possa ser rearranjado para outras configurações, conforme a necessidade.



Figura 25 - Sala de Música Colégio Bom Conselho. Fonte: Disponível no site <https://www.bomconselho.com.br/estrutura/salas-ambientes>. Acesso: 18 set 2021.

Na foto a seguir (fig. 26), pode-se observar o **laboratório de ciências** do Colégio Anchieta. Observam-se mesas em grupos, além de materiais dispostos na sala, como microscópios, tubos de ensaio e outros materiais. A existência desses materiais tende a supor que, nesses espaços, espera-se que a aprendizagem ocorra pela experimentação.



Figura 26 - Laboratório de Ciências Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso: 20 out 2021.

Relativo às **salas de matemática**, o espaço referente ao Colégio Anchieta (fig. 27) chama a atenção pela disposição de suas mesas em grupos, além da presença de computadores para uso compartilhado pelos alunos. Nesse mesmo espaço, a sala dispõe objetos matemáticos sob um móvel (fig. 28).



Figura 27 - Sala de Matemática Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso: 20 out 2021.



Figura 28 - Sala de Matemática Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso: 20 out 2021.

O **espaço maker**¹³ presente no Colégio Anchieta (fig. 29) apresenta grande móvel que permite que várias crianças¹⁴ façam atividades sobre ele, além de conter ferramentas para trabalhos manuais, como chaves de fenda, martelos, tesouras, espátulas, etc. Esse tipo de espaço vem se popularizando em escolas em diferentes países, inspirado na abordagem construcionista de Seymour Papert, como destacam Rafalski, Silva e Júnior (2019, p. 277): “No mundo, diversas escolas já introduziram o espaço *maker* como um ambiente de aprendizagem, criando oportunidade de dar sentido ao que estão aprendendo, buscando soluções que gerem aprendizado relacionado com a vida”.

Em mais uma foto desse espaço (fig. 30) é possível perceber que, mais uma vez, o espaço conta com mesas em grupo, o que possivelmente viabiliza o trabalho em equipe.



¹³ Palavra de língua inglesa que tem como tradução “criador” ou “fazedor”. Tem sido utilizado com o sentido de o aluno colocar “a mão na massa” e encontrar soluções criativas para problemas propostos pela metodologia.

¹⁴ Há notícias no site que mostram crianças aparentemente dos AIEF utilizando esse espaço.

Figura 29 - Espaço Maker do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso: 21 out 2021.



Figura 30 - Espaço Maker do Colégio Anchieta. Fonte: Disponível no site <http://www.colegioanchieta.g12.br/wp-content/uploads/tour360/colégio/index.html>. Acesso: 21 out 2021.

O site do Colégio Anchieta informa¹⁵ que a inauguração desse espaço foi realizada em 2019. Segundo a notícia, essa inauguração buscava seguir tendência mundial, além de “[...] envolver educadores e alunos em novas práticas de ensino que utilizem a tecnologia digital e os diferentes recursos para construir outros materiais”. Também foi citado que, para a abertura desta sala, os professores passaram por um curso de formação, que trazia aulas de técnicas manuais, corte a laser e *vaccum-forming*, além de prática em impressoras 3D. A “mão na massa” indica que os alunos devem “explorar o que existe para além da sala de aula, realizar experiências e fazer coisas no mundo real” e não apenas observar o protagonismo das máquinas¹⁶.

¹⁵ Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/colégio-anchieta-inaugura-espaco-maker/>

¹⁶ A fonte é a mesma notícia referenciada na nota anterior.

A **sala 360°** aparece apenas no Colégio João Paulo I, no tour virtual disponível. A definição desse espaço, segundo a instituição, é “uma sala de aula com perspectiva de vanguarda com proposta para debates, palestras, oficinas e workshop”. Na foto a seguir (fig. 31), é possível observar que o espaço tem “puffs” e cadeiras disponíveis ao longo da sala, os quais podem receber diferentes organizações para fomentar a interação nesses momentos de atividades verbais, como debates.



Figura 31 - Sala 360° do Colégio João Paulo I. Fonte: disponível no site <https://my.matterport.com/show/?m=oVzoDGYqYXK>. Acesso: 21 out 2021.

A partir da análise dos demais espaços educacionais presentes nas escolas, uma inferência possível é a de que as escolas investem mais em transformar e criar os espaços cujo uso é feito pelas diferentes turmas. Quando há novidades, elas se mostram presentes nos espaços que são para esse uso compartilhado e não nas salas específicas de cada turma.

Em relação à flexibilidade dos mobiliários que compõem os espaços, não se percebeu indícios significativos de sua presença nas fotografias da amostra da

pesquisa. A flexibilidade de uso do espaço parece ainda estar mais vinculada à ação em grupos, mobilidade de cadeiras, possibilidade de levantar e andar com mais frequência para buscar materiais da sala e, em alguns espaços como bibliotecas, à presença de almofadas.

Em razão dessa inferência, a segunda etapa da pesquisa apresenta a análise de entrevista com uma professora atuante nos AIEF, em uma das instituições, sobre potencialidades e limites do uso desses espaços internos compartilhados entre as diferentes turmas.

4.3 ALÉM DA SALA DE AULA: ENTREVISTA COM PROFESSORA

O presente subcapítulo busca discorrer acerca de uma entrevista realizada com uma professora atuante nos AIEF em uma das instituições que apresenta diferentes espaços educacionais internos com configurações espaciais diferenciadas em relação às salas de aula convencionais. A entrevista permitiu ampliar a compreensão sobre o funcionamento desses espaços e sobre alguns aspectos de seus usos e das salas de aula específicas das turmas, a partir da experiência narrada pela professora.

A docente, que é formada em pedagogia, atua na instituição há mais de 10 anos, o que lhe confere bastante experiência no uso dos espaços da escola e conhecimento sobre as mudanças ocorridas neles. A escola apresenta salas temáticas para diferentes áreas do conhecimento, com recursos didático-pedagógicos específicos. Durante a pandemia de covid-19, essas salas não estão sendo utilizadas, devido à exigência sanitária de distanciamento físico nas aulas presenciais.

Conforme a professora, essas salas estão presentes na escola há muitos anos, existindo biblioteca e laboratórios há mais ou menos 30 anos, bem como outras salas mais recentes. Apesar da longa existência desses espaços, a professora afirma que eles estão em constante mudança. A docente também afirma que para a utilização desses espaços é preciso que haja planejamento. As salas têm data e horário previamente definidos no início do ano, ou seja, nesse período inicial são divididos por turma dia e horário em que será permitida a utilização. Já os laboratórios são agendados com profissional responsável ao longo do ano pela própria professora da turma.

Na próxima seção, apresenta-se a análise da entrevista, destacando o seguinte aspecto identificado na narrativa da professora: os outros espaços são narrados como mais dinâmicos, de mais liberdade e criatividade, enquanto as salas de aula seriam "sempre as mesmas".

4.3.1 Outros espaços são dinâmicos, salas de aula são sempre as mesmas

A partir da entrevista, destaca-se uma pergunta em particular, visto que suas respostas mostraram-se interessantes para perceber os efeitos desses espaços no trabalho docente e discente. Sendo assim, a questão principal é: **“Você percebe diferenças entre o comportamento dos alunos na sala de aula e nos outros espaços? Quais? Há diferenças na interação?”** As respostas às demais perguntas também foram utilizadas para compreender outros aspectos dessa questão.

De acordo com a professora, nos outros espaços as crianças estariam "mais livres", visto que elas "não ficam engessadas nas mesas", o que permite que se desloquem mais. Conforme Collins, Insley e Soler (2001, p. 11):

A criança aprende ao fazer suas próprias conexões físicas com o mundo, por meio de explorações sensoriais, esforço pessoal, experiências sociais e busca ativa de significado a partir de experiências. Isso foi estabelecido pelas teorias de psicólogos e educadores como Froebel, Montessori, Isaacs, Steiner, Vygotsky e, mais tarde, Piaget e Bruner.

Concordando com os autores, talvez seja nesse sentido que a professora perceba a ampliação da liberdade de deslocamento das crianças no espaço relacionada também à ampliação da capacidade de perguntar durante a aula. Conforme a professora, nesses espaços, os alunos demonstram "[...] mais autonomia, eles perguntam mais, acho que desperta mais". Para Wallace (2001, p. 1): "Todas as crianças nascem com dom para a aprendizagem, com curiosidade natural e impulso para descobrir as coisas por si mesmas [...]".

Não se trataria apenas de mais liberdade; a professora entende que os outros espaços auxiliam na promoção da criatividade:

Não é só a liberdade. Eles também tem o que desenvolve a criatividade. Por exemplo: **a sala de aula é sempre a mesma todo dia, por mais que um dia tu bote um cartaz diferente.** Por exemplo: eles entram no laboratório

que é pura prateleira com bichos etc, não é na primeira vez que eles vão descobrir tudo; até porque cada turma que vai tem um foco diferente. Os pequenos vão ver os bichinhos... o primeiro ano vai ver o corpo humano, o quinto vai ver o corpo humano também, mas já com outra visão e maturidade. Eu acho, sinceramente, que o fato de não ser sempre a mesma coisa todo dia, a mesmice, acaba que desperta mais. [grifo nosso]

Analisando as palavras da professora, percebe-se que ela relaciona os itens dos outros espaços à produção de fatos novos, que rompem com as ações de rotina da sala de aula. Entre os recursos disponíveis, há projeções do corpo humano em tamanho real, animais empalhados, blocos de montar, impressora 3D, legos. Para a professora: “Ali tu tem a riqueza mais concreta, porque na sala de aula da turma tu mostra nos livros, nos filmes, mas ali eles vêem”. Nesse espaço as crianças têm a possibilidade de ver, tocar e perceber com maior riqueza de detalhes. Em outra passagem da entrevista, a professora também afirma: “Eu acho que essas salas despertam o real e o que existe. Para eles [os alunos] é um acontecimento.”

Já nas salas da turma, essa aproximação com o real seria mais limitada, oportunizada, por exemplo, pelo livro didático. Nas palavras da professora, a sala de aula é “sempre a mesma, todo dia”, enquanto os outros espaços “sempre mudam”.

Embora essa fala da professora apareça no contraste com os outros espaços, existem “cantos” na sala de aula que fazem um contraponto à ação simultânea de todos os alunos ao mesmo tempo, como o canto do brinquedo e o da leitura, este último com almofadas. A professora também afirma que gostaria de ter um espaço com sucatas para construção na sala de aula, o que pode ser em razão de sua percepção no fato de as crianças gostarem mais da sala de lego, que propõe justamente a construção.

No que se refere à alfabetização, a docente enfatiza a biblioteca e a informática como os outros espaços mais potentes, visto que, segundo ela, na biblioteca há mais a leitura e a pesquisa, enquanto na informática pode-se utilizar recursos digitais “[...] para escrita, para leitura, para confeccionar jogos, para pesquisar”.

Como efeito do ensino remoto e retorno gradual de todos os alunos ao ensino presencial, as salas de aula receberam computadores e projetores, que antes eram utilizados apenas na sala de informática. Sobre isso, a professora afirma:

[...] uma coisa que eu colocaria (que agora a gente tem) é um computador com retroprojetor, que eu acho que faltava. Porque tu conseguiria dentro da

sala fazer outras atividades, que antes dentro de uma sala tu acabava presa ao quadro, à folhinha. Agora a gente consegue fazer muita coisa! Eu acho que isso era uma coisa que faltava. Agora todas as salas têm.

Mais uma fala que chama a atenção durante a entrevista é: "Até para eles irem para uma sala diferente, para ver onde fica um lugar que eles nem imaginam já despertava mais interesse ainda do que se colocasse um mapa na sala" (excerto da entrevista). O fato de os alunos demonstrarem mais curiosidade em observar materiais como mapas geográficos dentro da sala de geografia ao invés de na sala de aula da turma, levanta a hipótese de o fator espaço amplo, que permite que as crianças se levantem, andem e troquem de espaço, seja um grande diferencial no estímulo dos alunos dentro da escola. Esse interesse é uma demonstração da necessidade de outra forma de vivenciar a corporeidade das crianças na escola. Trata-se de produzir mais fatos novos na própria sala de aula, utilizando-se das "arquiteturas efêmeras", em que as construções feitas se mantêm por um curto período de tempo, sendo reconfiguráveis de acordo com a intenção do professor. A autora Vickery (2016, p. 48) agrega à discussão:

Todas as salas de aula parecem conter mesas, mas algumas hoje também contêm almofadas e sofás macios, dando às crianças escolha de onde e como querem sentar. Esses arranjos diferentes são cruciais no sentido de permitir diferentes formas de aprendizagem e também transmitir mensagens essenciais sobre o ethos da sala de aula (DUDEK, 2005).

Relembrando os espaços de sala de aula previamente apontados na seção 4.1, foi possível observar que eles são ocupados principalmente pelas mesas fixas, sobrando pouco espaço não ocupado. Colocando essa percepção em contraponto à fala da professora acerca da disponibilidade de mais espaço para que as crianças interajam, é possível inferir que os espaços mais propícios à autonomia e criatividade têm hora e lugar para acontecer. Dito isso, é válido pensar no porquê de as salas de aula não se aproximarem mais de características como as dos outros espaços internos das escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada investigou quais são as tendências na configuração dos espaços das salas de aula de turmas de AIEF e de outros espaços educacionais internos em escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre. Buscou-se por regularidades e raridades entre os itens e configurações dos espaços apresentados nas fotografias disponíveis nos *sites* das escolas selecionadas. De 32 escolas localizadas, a pesquisa selecionou, inicialmente, 21 que apresentavam fotografias de espaços de salas de aulas. Das 21 escolas, a pesquisa escolheu 07 que apresentavam fotos de salas de aula de AIEF explicitando claramente essa identificação e, entre essas, 05 foram escolhidas para análise dos seus outros espaços educacionais internos.

O mapeamento e análise dos espaços das salas de aula dos anos iniciais mostrou que a maioria ainda se apresenta de forma configurada para metodologias mais transmissivas do que colaborativas, visto que o formato de mesas enfileiradas viradas para o quadro ainda se sobressaia. É importante salientar que, obviamente, apenas essa configuração espacial não significa que as professoras automaticamente serão transmissivas em suas aulas, mas sim que o espaço ainda é fruto de um modelo escolar gestado em outros tempos e que visa principalmente a transmissão de conteúdo.

A partir desse resultado, a pesquisa empreendeu, em uma segunda etapa, a análise de outros espaços educacionais que haviam sido visualizados nos sites das escolas na primeira etapa da pesquisa. Esse segundo levantamento ajudou a contrastar as diferenças entre esses espaços e os das salas de aula das turmas de AIEF, restando evidente que os espaços compartilhados entre as diferentes turmas da escola, como laboratórios e bibliotecas, são mais abertos a novas configurações espaciais para promover o corpo em movimento, a exploração do espaço e a dialogicidade.

Nesse mapeamento dos outros espaços internos das escolas, 01 escola foi escolhida para realização de entrevista semiestruturada com uma professora atuante nos AIEF. Essa entrevista teve o objetivo de ampliar a compreensão sobre esses espaços, a partir da análise das narrativas de que uma entrevistada que vivencia esses espaços e poderia informar sobre como percebe as diferenças de potencialidades e limites entre eles.

Os resultados da entrevista indicaram que a professora relaciona os outros espaços educacionais da escola em que atua à produção de fatos novos, que rompem com as ações de rotina da sala de aula.

A partir do presente estudo, foi possível concluir que grande parte da inovação apresentada pelas escolas se encontra nos espaços disponibilizados para que as crianças utilizem de forma esporádica, ou seja, salas com espaços mais amplos e que permitem maior deslocamento, além de materiais interessantes e que facilitam o aprendizado aparecem em salas específicas e laboratórios. No que se refere às salas de aula da turma, é perceptível que a disposição ainda é fortemente marcada pelo modelo clássico da escola moderna, em razão de se perceber grande número de mesas que ocupam quase a totalidade do espaço, além destas estarem viradas em direção a um quadro. O máximo que é encontrado de diferente desse modelo são pequenos nichos com brinquedos ou livros, na mesma direção dos resultados encontrados também na pesquisa de Fernandes (2019).

Esses resultados sugerem pensar: de que outras formas poderiam ser organizados os espaços das salas de aula de AIEF? Essas salas muito podem aprender com os outros espaços internos das escolas pesquisadas, por meio da reflexão acerca da função de cada espaço e de que práticas pedagógicas são possíveis neles. Que diferença faria ter espaços com diferentes tipos de assentos na sala de aula? Puffs e almofadas são assentos viáveis por quanto tempo na sala de aula? Para quantos alunos? Há muitas questões a serem pesquisadas a esse respeito.

A partir do parágrafo anterior, resalto um formato de organização escolar interessante que é sugerido no artigo “Ambientes educativos inovadores: o estudo do fator espaço nas 'salas de aula do futuro' portuguesas”, de Neuza Pedro (2017). A autora, que vem publicando pesquisas sobre a eficácia desses novos modelos escolares, apresenta como essas salas de aula podem ser configuradas em diferentes zonas de trabalho, as quais não são orientadas em torno de um quadro. Conforme a autora (id.; ibid.), o espaço é dividido em seis diferentes zonas funcionais:

- zona de criar: promove a construção e criação de produtos e objetos por parte dos alunos, sendo esses sempre relacionados com o dia a dia das crianças;
- zona de interagir: busca trazer a interação entre alunos e também professores;

- zona de apresentar: o aluno tem espaço para compartilhar com todos suas descobertas e ideias;
- zona de investigar: incentiva que as crianças estejam em contato com pesquisas científicas, assim, aprendendo a solucionar problemas;
- zona de partilhar: tem foco no trabalho em grupo;
- zona de desenvolver: busca promover maior independência e autonomia para seus alunos.

Essa proposta é uma alternativa interessante para os AIEF¹⁷, visto que, além de prezar por uma metodologia mais colaborativa, também é promovida a autonomia e independência das crianças. Em consonância, Pedro (2017, p. 106) afirma:

A organização em zonas de trabalhos revela ainda que estes ambientes educativos inovadores procuram romper com a configuração tradicional das salas de aula transmissivas, onde fileiras de cadeiras e mesas se alinham vertical ou horizontalmente de frente para um quadro sob domínio do professor. Estes espaços, organizados com vista a promover metodologias ativas de aprendizagem, recusam essa herança e procuram organizar-se em áreas que facilitem a aprendizagem colaborativa, a utilização de tecnologias e uma efetiva diferenciação pedagógica.

A reabertura das escolas após longo confinamento provocado pela pandemia de covid-19 tem provocado discussões sobre o futuro desses espaços físicos, principalmente a partir da maior necessidade de uso de tecnologias digitais na educação. Nessa onda de discussões, em 12 de novembro de 2021, a BBC News publicou uma matéria com o seguinte título: “As surpreendentes vantagens a estudantes de assistir a aulas em pé”¹⁸. A notícia salienta a importância de os espaços escolares buscarem outras alternativas de organização além de mesas enfileiradas e viradas para o quadro, que promovem pouca mobilidade por parte dos alunos. São citadas ao longo da matéria uma série de vantagens em ter essas mudanças no espaço escolar para que seja promovido maior movimento. A principal

¹⁷ Deve ser considerado que a importação de pedagogias do espaço físico que funcionam em um determinado contexto podem não funcionar em outro, com histórias e sujeitos diferentes. Além disso, deve-se ter atenção para que as experiências de outros contextos possam ser inspiradoras para que se criem espaços que tenham relações com a história das culturas e sujeitos locais.

¹⁸ Fonte:

https://www.bbc.com/portuguese/geral-59227813?at_campaign=64&at_custom2=facebook_page&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom3=BBC+Brasil&at_custom4=2CE105FE-43CB-11EC-BBF8-224F0EDC252D&at_medium=custom7&fbclid=IwAR2PMO7Eb5YhxakpMTxp0ZmSxoSdJO5KueBfvWfb88TswvYiOkI0-KPRHaY

Acesso em: 17 nov. 2021.

delas é a saúde das crianças, com foco na prevenção da obesidade. Segundo a notícia, promover maior mobilidade dentro das salas de aula contribui com “[...] a prática de exercícios físicos, essencial para o desenvolvimento saudável [...]”. Além disso, esses espaços promovem “[...] mudanças substanciais que começam a ser postas na configuração clássica da sala de aula. O objetivo agora é estimular a mobilidade” (MOLLÁ, 2021, s/p) Um instrumento que facilitaria esse processo são as “mesas elevadas”, como chamadas pela matéria. Esse móvel permitiria que os alunos ficassem tanto em pé quanto sentados em suas mesas, facilitando assim “[...] a possibilidade de locomoção pela sala de aula para interação com outros colegas, apostando firmemente no dinamismo e na colaboração” (id.; *ibid.*).

Além do gasto energético, a matéria também destaca que estudos vêm mostrando que professores relatam mais atenção dos alunos às atividades quando as salas não contrariam a tendência natural ao movimento.

A divulgação em nível mundial dessa matéria pela BBC News pode indicar que esse assunto seja de interesse nesse momento aos leitores, preocupados com as futuras gerações no período pós-pandemia. Nóvoa e Cardoso (2003, p. 14) argumentam que: “A inovação não se decreta. A inovação não se impõe. A inovação não é um produto. É um processo. Uma atitude. É uma maneira de ser e estar na educação” (NÓVOA *apud* CARDOSO, 2003, p. 14). Nesse sentido, pode-se presumir que talvez se esteja em um momento favorável para repensar os espaços para as infâncias e para o trabalho docente nos AIEF, que produzam outras formas mais colaborativas de alfabetizar, de pensar e produzir conhecimentos. Este trabalho buscou contribuir para que esse processo de inovação dos espaços escolares para os AIEF seja mais discutido no Rio Grande do Sul, desejando que possa haver mais investimento nessa área principalmente nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS

BAETA, P.; PEDRO, N. Salas de Aula do Futuro: análise das atividades educativas desenvolvidas por professores e alunos. **Indagatio Didactica**, Aveiro, v.10, n.3, p.81-95, ago. 2018. Disponível em <<https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/11259/7333>> Acesso em: 1 out. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASYE, D. et al. **Get active: reimagining Learning Spaces for Students Success**. Ed.1, United States of America: International Society for Technology in Education, 2015, 183p. Disponível em: <<https://www.k12blueprint.com/sites/default/files/Get-Active.pdf>> [2] . Acesso em: 22 out. 2021

BECKER, F. **O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação**. Rio de Janeiro. Vozes, 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CAULFIELD, J. Visual sociology and sociological vision, revisited. **The American Sociologist**[3] , Washington, D.C.: v.27, n.3, p.56-68, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27698784>>. Acesso em: 4 nov. 2021

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília, set/out 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>> Acesso em: 1 out. 2021.

CARDOSO, A. P. O. **A Receptividade à mudança e à inovação pedagógica: o professor e o contexto 10 escolar**. Porto. Edições Asa, 2003.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto e contexto – enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.4, p.678-684, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017> Acesso em: 1 out. 2021.

CARVALHO, A.M.C. *et al.* (Orgs.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

COLLINS, J.; INSLEY, K.; SOLER, J. (Ed.). **Developing pedagogy, researching practice**. London: Paul Chapman Publishing, 2001.

COSTA, L. **Arquitetura**. São Paulo: José Olympio, 2002.

CÔRTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Editora Briquet de Lemos, 2011.

DELZER, K. **Flexible seating and student-centered classroom redesign**. Vancouver. Edutopia. 2016. Disponível em: <<https://www.edutopia.org/blog/flexible-seating-student--centered-classroom-kayla-d-elzer>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

FARIA, E. T. O Professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 57 - 72. Disponível em: <https://aprendentes.pbworks.com/f/prof_e_a_tecnol_5%5B1%5D.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

FERNANDES, P. L. **Professora como designer do espaço pedagógico na sala de aula de alfabetização**. 2019. 74 p. Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212027>> Acesso em: 03 maio 2021.

FRAGOSO, G. M. O encontro do autor com o leitor. **Revista AmaeEducando**, Belo Horizonte, n. 219, p. 30-31, maio 1991.

HART, S. *et al.* **Learning without limits**. Maidenhead: McGraw-Hill, 2004.

HERNÁNDEZ, F.; SANCHO, J. M. **Aprendendo com as inovações nas escolas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOMES, V.S. **A organização do espaço escolar para o Ensino Fundamental:** uma revisão de literatura. 2019. 37p. Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199229>> Acesso em: 03 maio 2021.

KULISZ, B. **Professores em cena:** o que faz a diferença? Porto Alegre: Mediação, 2006.

LEAHY, G. **The modern classroom:** strategic insights for school leaders. Blackburn, Lancashire: Promethean Editions. 2015.

LESAGE, P. A pedagogia nas escolas mútuas do século XIX. In: BASTOS, M. H. C.; FARIA FILHO, L. M. de (Orgs.). **A escola elementar no século XIX:** o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999. P. 9-24.

LINO, D. O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: uma apresentação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). **Modelos Curriculares para a Educação de Infância.** Porto: Porto Editora, 1998. P. 93-133.

MENDONÇA, J. R. C. de; BARBOSA, M de Lourdes de A.; DURÃO, A. F. Fotografias como um recurso de pesquisa em marketing: o uso de métodos visuais no estudo de organizações de serviços. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v.11, n.3, jul./set. 2007

MENEZES, E. T. de. Verbetes método simultâneo. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/metodo-simultaneo/>> Acesso em 27 mai 2021.

MINAYO, M. C. S. de. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10a. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOLLÁ, J. M. **As surpreendentes vantagens a estudantes de assistir a aulas em pé**. BBC News Brasil. 12 nov. 2021.

MORTIMER, E. F. Atividade discursiva nas salas de aula de Ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Investigações em Ensino de Ciências**[5] , Rio Grande do Sul, v.7, n.3, p.283-306, 2002. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5656869/mod_resource/content/1/Mortimer%20e%20Scott%2C%202002.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021

OBLINGER[6] , D. G. (2005). Leading the transition from classrooms to learning spaces. **EDUCAUSE Quarterly**, Louisville, v.28, n.1 p.14–18, 2005. Disponível em: <<https://www.educause.edu/ir/library/pdf/eqm0512.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2021.

OLIVEIRA, M. D. C. de; MONTEIRO, Ieda da Silva. **Didática dos Estudos Sociais**. São Paulo: Saraiva, 1988.

PAPERT, S. **The Children's Machine**: rethinking school in the age of the computer. New York: BasicBooks, 1994.

PEDRO, N. Ambientes educativos inovadores: o estudo do fator espaço nas 'salas de aula do futuro' portuguesas. **Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 10, n. 23, p. 99 - 108, set./dez. 2017.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I.; CARNELOSSO, R.M.G. Os espaços do livro nas instituições de educação. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Caderno 7: Livros infantis: acervos, espaços e mediações** 1 ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.[9] P.113-150.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Pierópolis, 2016.

RAFALSKI, J. do P.; SILVA, M. A. de F. da; JUNIOR, R. R. M. V. Relato de experiências em Espaços Makers nas escolas do Ensino Fundamental. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul, v. 17 n. 1, p. 276 - 285, jul. 2019.

RAMOS, M. R. V. O uso de tecnologias em sala de aula. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais** – UEL Edição N°. 2. Vol. 1. Londrina, 2012. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

RHEINGANTZ, P. A. et al. Escola na escola: reflexões sobre um método de ensino de projeto de espaços para o ensino fundamental. In: **Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática**. 2009. IV Projotar. [S.l.], 2009. Disponível em: <http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/2009-projetar-escola_na_escola-275.pdf> Acesso em: 17 out, 2021.

RIBEIRO, C. R. **RobôCarochinha**: um estudo qualitativo sobre a Robótica Educativa no 1º ciclo do Ensino Básico. 2006. 189 f. Mestrado em Educação (Tecnologia Educativa) - Universidade do Minho, Braga, 2006.

ROCHA, J. A. de L. **As inovações de Anísio Teixeira na arquitetura e construção escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/livro6/inovacoes_at.html> Acesso em: 1 out. 2021.

RODRIGUES, M. S. P, LEOPARDI, M. T. **O método[11] de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros**. 1 ed. Fortaleza (CE): Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999, 118p..

SANTOS, A. M. dos; ANTUNES, D. S. H. Y. Escolas inovadoras: estado do conhecimento das pesquisas stricto sensu produzidas no Brasil de 2015 a 2017. **Revista da Faculdade de Educação** (Universidade do Estado de Mato Grosso), Mato Grosso, v.32, n.2, p.145-164, jul./dez. 2019. Disponível em <http://www2.unemat.br/revistafaed/content/AHEAD_OF_PRINT/2019/Ahead_of_print_ESCOLAS_INOVADORAS_ESTADO_DE-CONHECIMENTO_DAS_PESQUISAS.pdf> Acesso em: 1 out. 2021.

SANTOS, Iracy de Sousa. **As novas tecnologias na educação e seus reflexos na escola e no mundo do trabalho**. In: II Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís – MA, 23 a 26 de agosto 2005. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Iracy_de_Sousa_Santos.pdf> Acesso em: 03 set 2021.

SHERRY, Aron P.; PEARSON, Natalie; CLEMES, Stacy A. The effects of standing desks within the school classroom: a systematic review. **Preventive Medicine Reports**, v. 3, p. 338-347, 2016.

SILVA, A. H.: FOSSÁ. M. I. T. **Análise de conteúdo**: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>> Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, E. T. da. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. **Revista educação em questão**, Rio Grande do Norte, v.5, n.1, p. 125-126, jan./jun. 1993. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/issue/view/609/119>>. Acesso em:

TITTONI, J. *et al.* A fotografia na pesquisa acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. **Informática na educação: teoria e prática**, v. 13, n. 1, p. 59 - 66. jan/jun. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/10467-77355-1-PB.pdf>> Acesso em: 17 out. 2021.

TREMBLAY, Mark S. et al. **Systematic review of sedentary behaviour and health indicators in school-aged children and youth**. The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, v. 8, p. 98-98, 2011.

VICKERY, A. **Aprendizagem ativa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

WALLACE, B. **Teaching thinking skills across the primary school**. London: David Fulton Publishers, 2001.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A - Termo de Concordância para a escola

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

PESQUISA: "Espaços escolares inovadores nos anos iniciais do ensino fundamental: mapeando tendências em escolas da rede privada do município de Porto Alegre"

ALUNA PESQUISADORA: Helena Carolina Martins Pires - licencianda em Pedagogia

COORDENAÇÃO: Profa. Dra. Patrícia Camini (FACED/UFRGS)

Na condição de aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), venho por meio deste termo solicitar a autorização para realizar a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em sua instituição. A pesquisa objetiva investigar novas configurações e tendências dos espaços de sala de aula destinados ao 1o. ano do ensino fundamental em escolas da rede privada do município de Porto Alegre.

A primeira etapa da geração de dados ocorreu a partir de coleta de imagens públicas da escola, disponíveis em seus sites institucionais. A segunda etapa consiste em entrevista com professoras de turmas de 1o. ano do ensino fundamental, que atuem em três escolas selecionadas, a partir da identificação de espaços diferenciados na primeira etapa desta pesquisa.

A coleta de dados da segunda etapa envolverá uma entrevista com 1 professora dos anos iniciais do ensino fundamental, que atue em turmas de 1º ano na instituição. A entrevista terá duração aproximada de 1h, de forma online, por meio da plataforma Zoom. A entrevista deve ocorrer no mês de setembro, sendo necessário definir dia e horário a partir da disponibilidade da professora participante.

A participante do estudo será claramente informada de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na pesquisa com seres humanos, conforme Resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade dos participantes. CONFIDENCIALIDADE: todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada participante. Não serão divulgados dados que permitam identificar participantes e instituições. A gravação da entrevista será transcrita, de modo que não serão divulgados áudio e vídeo.

Por intermédio deste trabalho, esperamos contribuir com avanços acerca do planejamento e utilização dos espaços escolares dedicados às crianças dos anos iniciais. Será realizada a devolução dos resultados à escola, de forma coletiva, se assim for solicitado.

Afirmo a relevância da contribuição da Instituição com essa pesquisa, tendo em vista a urgência em pesquisar mais acerca dos espaços escolares dos anos iniciais do ensino fundamental.



Desde já, agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais por meio do seguinte contato: e-mail h_pires@yahoo.com.br e telefone

A aluna pesquisadora responsável por esta pesquisa, Helena Carolina Martins Pires, está sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Camini, do Departamento de Ensino e Currículo, da Faculdade de Educação da UFRGS. A professora orientadora poderá ser contatada pelo e-mail: patricia.camini@ufrgs.br

Nome da Instituição de Ensino *

Nome, RG e cargo do/a profissional responsável pela concordância e assinatura do termo: *

Email do/a profissional para contato: *

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, ACEITO participar desta pesquisa. *

Sim

Não

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para professora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - LICENCIATURA EM PEDAGOGIA: "Espaços escolares inovadores nos anos iniciais do ensino fundamental: mapeando tendências em escolas da rede privada do município de Porto Alegre"

ALUNA PESQUISADORA: Helena Carolina Martins Pires (acadêmica da Licenciatura em Pedagogia, FAGED/UFRGS)

ORIENTADORA: Profa. Dra. Patrícia Camini (FAGED/UFRGS)

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA: professoras/es que atuam no 1º ano do ensino fundamental

Você está sendo convidado/a a participar de uma das etapas de pesquisa, de natureza qualitativa, que tem por objetivo investigar as novas configurações e tendências dos espaços de sala de aula destinados ao 1 ano do ensino fundamental em escolas da rede privada do município de Porto Alegre. A etapa que você está sendo convidada/o a participar consiste na geração de dados a partir da participação em uma reunião realizada de forma online, por meio da plataforma zoom. A sua participação é muito importante para o avanço na produção de conhecimentos sobre espaços escolares de anos iniciais.

TEMPO TOTAL ESTIMADO PARA REUNIÃO: uma reunião com duração de cerca de 1 hora.

SOBRE A METODOLOGIA: esta fase da pesquisa consiste em uma reunião. Posteriormente, proceder-se-á à análise qualitativa dos dados gerados nas reuniões por meio da análise de conteúdo.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: 3 professoras atuantes em turmas de 1º ano do ensino fundamental na rede privada do município de Porto Alegre

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: você participará de uma entrevista individual. A reunião será gravada em áudio e vídeo. Você tem a liberdade de se recusar ou desistir de participar, em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa.

RISCOS E DESCONFORTO: os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. No entanto, ao responder questões sobre seu ambiente de trabalho, a pesquisa não está isenta de produzir eventuais desconfortos para o/a participante.

CONFIDENCIALIDADE: todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada

participante. Não serão divulgados dados que permitam identificar participantes e instituições. As gravações das reuniões serão transcritas, de modo que não serão divulgados áudio e vídeo.

BENEFÍCIOS: ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo contribuam para compreensão da importância de espaços escolares de anos iniciais projetados e pensados para/com as crianças.

PAGAMENTO: você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que seguem neste formulário.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A equipe poderá ser contatada pelo e-mail: h_pires@yahoo.com.br e patricia.camini@ufrgs.br

E-mail: *

Nome completo: *

RG: *

Escola em que atua no 1 ano do ensino fundamental: *

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, ACEITO participar desta pesquisa. *

Sim

Não

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Curso de Licenciatura em Pedagogia
Trabalho de Conclusão de Curso II

Pesquisa: TÍTULO FINAL
Aluna: Helena Carolina Martins Pires - licencianda em Pedagogia
Orientadora: [Profa. Dra. Patrícia Camini](#)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Observamos no site da escola que há outros espaços educacionais internos. Os alunos dos anos iniciais utilizam esses espaços? De que forma? Você poderia mencionar exemplos? Com que frequência? Há orientações para utilização?
- 2) Há diferenças entre as propostas planejadas para a sala de aula da turma e para esses outros espaços?
- 3) Você saberia informar desde quando a escola tem esses outros espaços?
- 4) Como esses espaços colaboram ou influenciam na aprendizagem dos alunos?
- 5) Qual desses espaços você considera mais potencializador para as propostas de alfabetização? Por quê?
- 6) Você percebe diferenças entre o comportamento dos alunos na sala de aula e nos outros espaços? Quais? Há diferenças na interação?
- 7) Para que tipos de propostas você considera que a sala de aula tem espaço mais apropriado do que os outros?
- 8) Se você pudesse modificar/acrescentar/retirar algo no espaço da sala de aula com o objetivo de potencializar a alfabetização, o que seria?

APÊNDICE D - Lista Completa 32 Escolas

1. Colégio Farroupilha
2. Colégio Província de São Pedro
3. Colégio Concórdia Porto Alegre
4. Colégio Batista
5. Colégio Metodista Americano
6. Dom Bosco Higienópolis
7. Colégio Kennedy
8. Colégio Marista Champagnat
9. Colégio Santa Inês
10. Colégio La Salle Dores
11. Colégio Israelita Brasileiro
12. Colégio Leonardo da Vinci - Alfa
13. Colégio Maria Imaculada
14. Colégio Marista Ipanema
15. Colégio Nossa Senhora da Glória
16. Escola Waldorf Querência
17. Colégio Conhecer
18. Escola Hub
19. Colégio Farroupilha Três Figueiras
20. Colégio Anchieta
21. Colégio Santa Dorotéia
22. Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
23. Colégio La Salle São João
24. Colégio João Paulo I - Higienópolis
25. Colégio Murialdo Porto Alegre
26. Colégio Rainha do Brasil
27. Bom Jesus Sévigné
28. Colégio João XXIII
29. Colégio Vicentino Santa Cecília
30. Colégio ACM Centro
31. Colégio Romano Santa Marta
32. Colégio Lumiar Porto Alegre